Esquentando o feriado com o melhor amigo de seu irmão.

Natal com Saint



AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

J STERLING

J STERLING

Natal com Saint

Traduzido por Paula Tavares

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2022

Copyright © J Sterling, 2022
Copyright © The Gift Box, 2022
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Paula Tavares
Revisão final:
Equipe The Gift Box
Arte de Capa:
Bianca Santana
Preparação de texto e diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

S838

Sterling, J.
Natal com Saint [recurso eletrônico] / J. Sterling ; tradução Paula Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2022.
recurso digital

Tradução de: Christmas with Saint
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Tavares, Paula. II. Título.

CDD: 813
CDU: 82.3(73)

Sumário

Início
A elfa favorita do Papai Noel
Essa mulher
Coloque Saint sob minha árvore
Levando-a para casa
Ele me quer?
Finalmente abrindo o jogo
Vida longa ao sexo no chuveiro
Pirando
Quebrador de promessa
Calças monstro
Perder meu melhor amigo
Meu desejo de Natal
Epílogo - ceia de Natal
Sobre a autora



Este conto é indicado para maiores de dezesseis anos por conter cenas que realmente esquentam o feriado.



A elfa favorita do Papai Noel

VY

— Você só pode estar brincando comigo — disse, enquanto puxava o material frágil e tentando cobrir minha bunda. — Essa coisa é curta demais. Não posso usar isso.

Olhei para minha melhor amiga, Cori, que estava com uma expressão dividida entre cômica e preocupada, seu cabelo pintado de violeta balançando com seus movimentos.

— Você está gostosa.

Ela era a única pessoa que eu conhecia que poderia não apenas fazer aquele corte, mas também mudar para qualquer cor que decidisse. Cori era tão experimental com seu cabelo quanto eu era segura. Ninguém tocava nessas mechas douradas, exceto eu.

Estreitando meus olhos, encarei minhas coxas expostas mais uma vez.

— Eu não deveria estar gostosa. Sou uma das elfas do Papai Noel!

— Sim, a elfa gostosa — ela murmurou baixinho, e quase me atirei nela, mas sabia que rasgaria a dita saia ao meio. Ou pelo menos arrebentaria o zíper. — Ivy, assim está legal — insistiu, tentando me acalmar.

— Não está não. — Puxei o material, tentando em vão fazê-lo ficar

parado em meus quadris em vez de em minha cintura, para conseguir um pouco mais de comprimento. — Esse evento é para crianças, não para os pais.

— Quem você acha que traz as crianças aqui? — perguntou, e percebi que ela tinha planejado isso.

Tudo isso.

— Cori, não vou sair vestida assim. Não consigo nem me abaixar. Tenho certeza de que elfos precisam se abaixar em algum momento.

— Coloque um short de lycra por baixo. Assim, quando você estiver se movendo, não vai mostrar seus dotes para todos os pais excitados por lá. — Olhou para o relógio no pulso. — Onde ele está? — Ela estava falando sozinha e procurando ao redor da sala vazia.

— Quem vai ser o Papai Noel esse ano, afinal? — indaguei, justamente quando Saint LaCroix em pessoa atravessou as portas do camarim, carregando um par de botas pretas, seus olhos azuis brilhando, mesmo sob a iluminação fluorescente.

— Ho-ho-ho! Eu. — Sua voz enviou calafrios pela minha espinha e fez minhas coxas tremerem. Ele sugou todo o ar da sala no minuto em que entrou nela.

Tentando me recompor, atirei um olhar assassino que dizia a Cori que ela poderia pelo menos ter me avisado. Mas então isso não teria sido nada divertido… *para ela*. Em vez disso, girei e praticamente pulei nos braços de Saint, enquanto ele se enrolava em mim, fazendo minha saia subir. Senti a brisa fresca do ar nas minhas nádegas expostas e respirei seu cheiro.

Eu não tinha ideia do que ele usava que o fazia cheirar tão bem, mas sempre causava uma reação visceral em mim. Era como se o aroma tivesse sido impresso em mim em algum momento, se tornado parte do meu DNA ou algum tipo de memória sensorial. Uma vez, quando eu estava andando pelo shopping, o

mesmo cheiro passou por mim e quase caí de joelhos em resposta. Girando a cabeça, procurei por Saint, mas ele não estava lá.

— O Papai Noel nunca terminaria nenhum trabalho se você estivesse no Polo Norte — ele sussurrou em meu ouvido, e bati em seu ombro, descendo e ajustando minhas roupas.

Eu era patética e apaixonada por Saint desde que saí do útero. Pelo menos era assim que sempre me senti, porque não conseguia me lembrar de um momento em que não sentisse isso forte por ele. Ele sempre foi fofo com relação a isso, sutilmente flertando comigo e me fazendo sentir especial em vez de envergonhada, mas eu sabia que estava apenas sendo gentil. Saint nunca me olhou como algo além da irmãzinha do seu melhor amigo. Mesmo quando comecei a ter peitos, seus olhos permaneceram firmemente enraizados nos meus.

Era irritante.

Todos os outros caras olhavam para meus seios em vez dos meus globos oculares, menos Saint. Mesmo quando tentei torturá-lo no ensino médio usando *croppeds* decotados e tops tão apertados que não dava para deixar de notar o que estava escondido atrás do tecido, ele nunca olhava para baixo. Houve momentos em que eu queria enfiar meus seios na cara dele, mas meu irmão, Davey, teria me matado na hora. Davey deixou bem claro que eu deveria ficar longe de seu amigo. Não que eu tivesse dado ouvidos.

A pior parte era que Saint sabia que eu era obcecada por ele. Nunca fui boa em esconder. E se eu pensava que meus sentimentos poderiam terminar como algum tipo de paixão boba de colegial quando eu ficasse mais velha, estava muito enganada. Saint ainda era o objeto de todas as minhas fantasias, mesmo agora que éramos adultos. Tudo o que sempre gostei nele se multiplicou por dez à medida em que ele ficava mais velho.

Por que eu não podia simplesmente superá-lo?

— Como Cori te prendeu nessa? — perguntei, tentando parecer tranquila, mas estava morrendo por dentro.

Eu passaria o dia todo ao lado dele. Cinco horas, uma por uma, com o único cara que eu sempre quis beijar, mas nunca beijei. Houve uma vez em que pensei que isso poderia acontecer quando estávamos no ensino médio, mas ele se esquivou no último segundo, e fiquei muito envergonhada para sequer tentar novamente.

Agora que éramos mais velhos e tínhamos empregos em tempo integral, não nos víamos tanto quanto quando éramos crianças, mas ainda mantínhamos contato nas redes sociais quase diariamente, enviando mensagens privadas e fotos bobas um para o outro. Embora Saint nunca tivesse parecido bobo. Ele sempre pareceu absolutamente delicioso com o cabelo escuro bagunçado e olhos azuis profundos.

Ele e Davey começaram um aplicativo de namoro apenas de moradores locais e para *indivíduos bem-sucedidos*. Era assim que o comercializavam. Você tinha que ter certa renda para ser aceito no site. E cada usuário tinha que ser indicado por alguém que já estava nele.

Toda a parte técnica das coisas era complicada e confusa, mas eu entendia pelo menos isso sobre como funcionava. Davey e sua noiva, Samantha, se conheceram no site, mas até onde eu sabia, Saint não estava nele. Era um ponto de discórdia entre ele e meu irmão. Davey estava sempre tentando fazer com que se inscrevesse, mas Saint se recusava, dizendo que já tinham um proprietário que era uma história de sucesso, e um era tudo o que precisavam.

Eu concordava plenamente.

Aquele homem nunca precisou se inscrever em nenhum site de namoro. Nunca. E se eu descobrisse que ele fez isso, estaria criando uma conta no dia seguinte.

Saint me lançou seu sorriso de marca registrada, aquele que fazia suas covinhas aparecerem, e me repreendi por todas as coisas sujas que imaginei fazer com aquele rosto perfeito e esculpido.

— Ela pediu. — Isso foi tudo que ele disse em resposta à minha pergunta. Aquela que eu tinha esquecido completamente de ter feito.

— Vá se trocar, Saint. Eles estão ficando impacientes lá fora. — Cori apareceu entre nós, empurrando uma fantasia de Papai Noel em seus braços. — Aqui. — Ela me jogou um short preto.

— Você vai colocar isso? — Saint perguntou, com um sorriso ainda com covinhas, e mostrei a língua. — Parece um desperdício, se você me perguntar.

— Se eu não colocar, todos os homens lá fora vão ver minha bunda toda vez que eu me mexer — respondi, e seu rosto de repente se torceu em uma expressão que não consegui ler.

Ele parecia… *enciumado* em vez de irritado, como era de costume. Isso poderia mesmo ser possível?



Santo Deus.

Quando Ivy mencionou a ideia de todos os caras lá fora verem sua bunda quando ela se movesse, quase desmoronei. Ninguém que não fosse eu deveria ter o privilégio de ver qualquer parte dela nua. A mulher era uma deusa. Uma mulher absolutamente linda por quem eu tinha uma queda por anos. Uma paixão que nunca tive permissão para investir, caso contrário, o irmão dela me mataria enquanto eu dormia.

Ele me ameaçou em mais de uma ocasião.

E, honestamente, já que eu estava sempre dormindo na casa deles, acreditei.

Se eu não tivesse nada a perder, teria dito a ele para se ferrar e ido em frente. Aquela Ivy fazia tudo valer a pena.

Mas Davey e sua família estavam ao meu lado desde que minha mãe saiu sem aviso na quinta série, deixando eu e meu pai sozinhos. Meu pai trabalhou muito depois disso, e se não fosse pela família Simpson, eu estaria sozinho, me metendo sabe-se lá em que tipo de problema. Eles me colocaram sob suas asas e me trataram como se eu fosse um deles. Quando Davey e eu

éramos mais jovens, Ivy estava sempre nos seguindo, batendo os cílios para mim como um cachorrinho apaixonado. Isso costumava me irritar, e eu a xingava em alguma tentativa fraca de fazê-la ir embora. O que eu poderia dizer? Era jovem e estúpido.

Mas então Ivy cresceu. E eu também. E a última coisa que sentia por ela era irritação. Eu queria que ela me seguisse. Desejei que "acidentalmente" entrasse no banheiro enquanto eu estivesse saindo. Teria dado qualquer coisa para ter seu corpo pressionado contra o meu quando éramos adolescentes. Houve mais de uma ocasião em que estávamos sozinhos e pensei que ela poderia realmente me beijar. Eu teria deixado; teria me entregado àqueles lábios sendo pressionados contra os meus e minha língua teria se movido dentro de sua boca e memorizado o gosto dela. Tentei dar a ela toda a permissão que precisava com minha linguagem corporal, mas ela nunca caiu. E eu não poderia dar o primeiro passo, não importa o quanto meu pau me implorasse.

Então, transei com outras garotas em uma tentativa patética de parar de pensar em Ivy. Surpresa: não funcionou.

Nunca esqueceria a noite em que fui pego olhando para ela na sala de estar. Ela estava saindo para um encontro, e eu estava com tantos ciúmes que não conseguia enxergar direito. Tropecei em minhas palavras quando tentei dar conselhos a ela, tudo saindo em uma bagunça confusa que não fazia o menor sentido. E quando ela se foi pela porta da frente com um olhar confuso no rosto, eu não conseguia parar de olhar para sua bunda, desejando que fosse comigo que ela estivesse saindo.

Davey me deu um soco depois disso. Forte. Disse que se eu não parasse de cobiçar sua irmãzinha, ele me faria ir embora, e eu nunca seria bem-vindo. Então, foi adiante e me fez prometer que nunca a tocaria. *Nunca*.

— Mesmo quando tivermos trinta anos — ele disse, para deixar claro.

Quando concordei com o pedido, sabia que estava mentindo, mas o pensamento de ser expulso da casa dos Simpsons me aterrorizava por uma infinidade de razões. Não ver Ivy definitivamente era uma das principais. Em algum momento durante nossos anos de infância, ela se tornou a coisa que eu mais ansiava. Se não conseguia vê-la, parecia que meu dia inteiro estava arruinado. Como se algo vital estivesse faltando.

E agora, aqui estávamos nós — eu vestido de Papai Noel e ela como uma elfa sexy para caramba —, e tudo que eu conseguia pensar era fazê-la se deitar e deslizar sua calcinha para o lado, para que eu pudesse entrar nela por trás. Seu cabelo longo e loiro estava preso em um rabo de cavalo apertado, e ela estava usando um chapéu verde pontudo. Ela estava adorável. Era embaraçoso o quanto eu ainda a queria depois de todo esse tempo.

Ainda mais embaraçoso era o controle contínuo de Davey em mim sobre isso. Estávamos em algum tipo de impasse doentio e distorcido de quem conseguiria resistir por mais tempo antes de quebrar. Será que Davey finalmente cederia e me daria sua bênção para trepar com sua irmãzinha? Ou seria eu aquele que abandonaria o sonho e desistiria de uma vez por todas?

Só de pensar em desistir fazia meu estômago se contorcer. Desistir de ter Ivy?

Nem fudendo.

Viver o resto da vida sem prová-la não era algo que eu abandonaria de bom grado. Me agarrarei a esse sonho até meu último suspiro. Prefiro morrer primeiro.

— Quem diria que o Papai Noel poderia ser tão sexy? — Ivy estava de pé ao meu lado, endireitando minha barba e arrumando minha jaqueta, seus olhos verdes penetrando nos meus.

— Você só está sendo legal. Ninguém fica sexy nisso — provoquei,

esperando que ela me dissesse todas as maneiras pelas quais minha opinião autodepreciativa estava errada.

Sua língua serpenteou para fora, e praticamente salivei, a observando se mover em seu lábio inferior. Ela precisava de mais umidade na boca? Eu daria a ela com prazer. Meus olhos se concentraram, meu pau se contorcendo dentro da calça de Papai Noel.

— Você colocou aqueles shorts, certo? — perguntei do nada, e ela levantou a saia para revelar um par de shorts justos escondidos por baixo. — Meu Deus, Ivy. — Minha voz soava como se eu a estivesse repreendendo, mas ela me pegou de surpresa ao levantar a saia. Meu cérebro quase entrou em curto-circuito com o pensamento do que eu poderia ter o prazer de ver.

— Você não precisa ficar tão bravo. Eu vesti, ok? Pode dizer a Davey que fui uma boa menina — disse, seu tom sarcástico, e eu sabia que ela estava irritada. Não podia nem culpá-la.

— Não vou dizer merda nenhuma ao Davey. — Queria que ela soubesse que não éramos mais crianças e a última coisa que eu estava fazendo era relatar ao irmão mais velho dela sobre seu comportamento.

— Sim, certo — respondeu, baixinho, e dei um passo possessivo em sua direção, meu corpo pairando sobre o dela.

— Você é uma mulher adulta que pode cuidar de si mesma e tomar suas próprias decisões. É hora de seu irmão finalmente descobrir isso. — Fitei seus olhos verdes, a cor penetrante deles me enraizando firmemente no lugar. Custou cada grama de força de vontade que eu possuía não me inclinar e ceder ao que eu queria por tanto tempo.

— Ele nunca vai parar de me tratar como se eu tivesse quinze anos — tentou dizer, mas sua voz gaguejou, e me perguntei se estar tão perto a deixava desconfortável.

Ela ainda me queria tanto quanto antes?

Envolvi um braço ao redor de sua cintura e a puxei para mim, partes de seu corpo roçando em partes do meu.

— Eu te deixo nervosa, Ivy?

Aquela maldita língua reapareceu mais uma vez, lambendo o lábio superior agora, e comecei a negar com a cabeça.

— Coloque essa língua de volta na boca — repreendi, e ela fez o que pedi, o que me surpreendeu. Achei que ela discutiria.

— Talvez um dia você comece a me ver por quem eu sou também. — Ela se soltou do meu alcance e saiu de vista, aquela saia mal cobrindo sua bunda a cada passo que ela dava.

Ela achava que eu ainda via uma adolescente quando olhava para ela, como se isso fosse uma coisa ruim. Ivy não tinha ideia de que sempre fui apaixonado por aquela adolescente.



VY

Por que eu não conseguia ser uma pessoa normal quando se tratava de Saint LaCroix? Sua própria existência me dava arrepios e fazia meus joelhos ficarem fracos. Mas o jeito que ele me puxou contra si como se eu pertencesse a ele ou fosse de alguma forma dele… bem, um homem não deveria ser capaz de fazer esse tipo de coisa se não tivesse a intenção.

— Você está ruborizada. — Cori estava de repente ao meu lado e seus olhos se estreitaram no meu rosto. — O que aconteceu?

— Saint. — Foi tudo o que eu disse.

Uma única palavra, e ela entendeu completamente. Cori e eu éramos amigas desde o ensino médio. Nossas mães trabalhavam no salão da minha mãe. E agora, Cori e eu trabalhamos lá também. Ela sabia tudo sobre meus sentimentos por Saint, tanto no passado quanto no presente. Não que eles tivessem mudado muito ao longo dos anos.

— Por que você acha que fiz você fazer isso? — perguntou, e eu não tinha certeza do que ela estava falando.

— Oi?

— Eu *implorei* para você ser o elfo do Papai Noel — disse,

enfatizando a palavra *implorar*, como se eu precisasse do lembrete.

— E? — pedi para ela continuar falando.

— E eu disse a Saint que você faria isso, e ele disse sim antes mesmo de eu dizer a ele do que precisava. — Ela estava dizendo o que eu achava que estava dizendo, ou eu estava interpretando as coisas de forma errada?

— Então, você está me dizendo. — Comecei a juntar as peças, mas sua impaciência me interrompeu:

— Estou te dizendo que ele concordou em estar aqui hoje porque você estaria aqui. — Comecei a balançar a cabeça em desacordo. — Isso não pode ser verdade.

Cori vinha me dizendo há anos que Saint me queria tanto quanto eu o queria, mas percebi que ela estava errada. Ou, no mínimo, louca. Ela era minha melhor amiga, então é claro que encorajou a ideia de que minha paixão de uma vida toda acabaria se transformando em algo mais. Era praticamente um pré-requisito para uma amiga — acreditar no conto de fadas. Todas nós queríamos isso de alguma forma, admitindo abertamente ou não. Aquela história de amor digna de um filme.

— Um dia, vocês dois vão se acertar e nos tirar da miséria. Mas, por enquanto, temos que deixar algumas crianças felizes.

Eu a segui para fora do camarim e para o palco normalmente vazio que havia sido transformado em um país das maravilhas do Polo Norte. Havia neve falsa por todo o chão e árvores, um letreiro de néon vermelho e verde com uma seta apontando para a esquerda e uma cadeira decorada em dourado para o Papai Noel e as crianças se sentarem. Um fotógrafo estava terminando a montagem, o flash disparando a cada poucos segundos antes que ele olhasse para Cori e lhe desse um joinha.

— Está incrível — sussurrei, notando que ela estava sorrindo de orelha

a orelha com suas conquistas e olhando para a longa fila de crianças que esperavam, puxando o braço de seus pais.

— Quem está pronto para conhecer o Papai Noel? — Cori gritou, e todas as crianças gritaram que sim. — Ok! Eu vou buscá-lo, e vocês estejam com seus desejos de Natal prontos.

As crianças pareciam tão animadas; era difícil não se alimentar de sua energia. Eu me peguei sorrindo largamente antes mesmo de notar Saint saindo e acenando com as mãos. As crianças começaram a pular para cima e para baixo, e era meu trabalho garantir que o visitassem um de cada vez.

Levei a primeira garotinha da fila até Saint e a coloquei no colo dele. Meus olhos percorreram seu corpo e pararam em suas írises azuis. Ele estava olhando para mim, e de repente achei injusto que aquela menina pudesse sentar em seu colo. Eu queria estar no colo de Saint. Nua. Sem crianças por perto.

Engolindo em seco, observei enquanto interagia com a garotinha, perguntando o que ela queria de Natal e se tinha sido travessa ou uma boa garota.

A menina riu.

— Eu fui legal, Papai Noel. Bem, exceto que uma vez empurrei Bobby para fora do brinquedo porque ele me chamou de quatro olhos.

Ela ajustou o par de óculos em seu nariz, e Saint disse algo baixinho para ela que não consegui ouvir.

Quando ela colocou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou com força, senti o orgulho surgir dentro do meu peito. Eu nem sabia o que ele disse a ela, mas deve ter sido exatamente o que ela precisava ouvir. Este homem era realmente algo a mais. Não se faziam mais caras como Saint, e eu sempre soube disso. Foi por isso que, mesmo quando tive namorados no passado, eu sabia que eles não eram os certos para mim. Um único telefonema de Saint me

pedindo para lhe dar uma chance, e eu teria largado cada um como uma batata quente. Não era justo da minha parte continuar namorando caras que sempre ficariam em segundo lugar.

Mas, por outro lado, não era justo para mim se eu continuasse ansiando por um cara que não me dava atenção. Se não deveríamos estar juntos, então como é que nunca gostei de ninguém mais do que gostava dele? Por que eu não conseguia me ver com outra pessoa quando imaginava meu futuro?

— Elfa gostosa — a voz grossa de Saint atingiu meus ouvidos, e me virei para olhá-lo interrogativamente —, pode buscar a próxima criança?

— Desculpe — eu disse, antes de voltar meu foco para a tarefa em questão.

A garotinha já estava quase saindo pela porta da frente com uma bengala doce na mão e um sorriso gigante no rosto enquanto falava animadamente com a mãe.

Quando me abaixei para pegar o próximo garotinho na fila pela mão, ouvi uma inspiração que soou mais como um assobio, e notei que o pai do garoto estava olhando diretamente para minha bunda, seus olhos percorrendo o comprimento do meu corpo.

Levantei-me rapidamente e certifiquei-me de que minha saia estava de volta no lugar, tentando cobrir tudo, mesmo sabendo que mal podia.

— Aqui está — eu disse para Saint, que, no momento, por trás de seus óculos de velho, estava matando com os olhos o pai que me encarava.

Mesmo por trás das luvas brancas que ele usava, eu podia ver suas mãos agarrando os braços da cadeira, seus dedos afundando no tecido, como se estivesse se forçando a ficar sentado em vez de se levantar e atacar como um touro que não via nada além de vermelho.

Essa era a segunda vez hoje que Saint agia como um namorado

ciumento. Talvez meu desejo de Natal estivesse finalmente se tornando realidade. O que eu escrevia em uma lista separada desde que tinha oito anos de idade.

Será que o Papai Noel colocaria Saint debaixo da minha árvore este ano? Eu, com certeza, esperava que sim.



A porta bateu quando a última criança saiu do prédio, e soltei um longo suspiro, inclinando a cabeça contra a cadeira enorme e forçando os olhos a ficarem abertos. Ninguém tinha me avisado como era exaustivo interpretar um papel por cinco horas seguidas. O sorriso constante, dizer muito *ho-ho-ho* e estar "ligado" para cada homem, mulher e criança.

— Vocês dois foram ótimos. Muito obrigado por fazerem isso — disse Cori, e isso me fez sentir como se tivesse feito algo bom, embora eu só tivesse concordado em fazê-lo porque sabia que Ivy também estaria aqui.

Egoísta? Um pouco.

Começou a nevar muito forte enquanto estávamos do lado de dentro, brincando de faz de conta para as crianças. As janelas, outrora limpas, estavam agora cobertas de gelo. O clima aqui podia ser perigoso, mesmo se você cresceu dirigindo nele. As tempestades eram imprevisíveis e muitas vezes lembravam quem estava no comando.

Nota: não era você nem seu carro.

— Eu tenho que fazer xixi. Já volto — disse Ivy, antes de desaparecer, sua saia balançando de um lado para o outro enquanto corria em direção à porta

do banheiro.

Cori começou a arrumar algumas das decorações, colocando-as em uma pilha, e percebi que precisava dela ao meu lado. A melhor amiga de uma garota era sua maior aliada ou sua pior inimiga.

— Eu te dou vinte dólares se você me deixar levar Ivy para casa.

O olhar de Cori varreu para o meu, um sorriso gigante em seu rosto.

— Vinte dólares? — Ela se levantou e colocou a mão no quadril, como se essa quantia não fosse suficiente para comprá-la como minha co-conspiradora.

— Cinquenta — respondi, e ela assentiu.

— Aceito cinquenta.

— E você vai me ajudar — pressionei, esperando que ela estivesse captando o que eu estava colocando silenciosamente na mesa.

— Você quer dizer, encorajar minha melhor amiga a ir para casa com você? Estar sozinha em um carro com o único cara que ela sempre quis? Sim, tenho certeza de que será uma venda difícil.

Devo ter feito algum tipo de cara surpresa, porque ela me repreendeu no mesmo instante.

— Não me olhe assim. — E apontou o dedo para o meu rosto. — Você sabe que ela sempre foi apaixonada por você. Todo mundo sabe.

O som dos sapatos de Ivy se arrastando contra o piso de ladrilhos nos silenciou instantaneamente. Cori olhou para mim e gesticulou, jogando notas de dinheiro da palma da mão como se estivesse em um clube de strip. Mal sabia ela que eu teria lhe pago cem.

— O que vocês dois estão fazendo? — Ivy perguntou, assim que se aproximou.

— Eu estava dizendo a Cori que vou te levar para casa — informei,

em vez de perguntar, e ela olhou para sua melhor amiga antes de me encarar.

— Por quêêê? — ela disse, arrastando a última parte.

— Percebi que seu carro não está lá fora. E o tempo está uma merda.

— Você está dizendo que sou uma motorista ruim? — Cori interrompeu, e eu deveria saber que ela atrapalharia meus planos. — Que não posso levar nossa garota inteira para casa? Estou ofendida.

Ivy começou a balançar a cabeça em concordância.

— Acho que ele está dizendo isso, Cor. Bem rude. — As duas estavam tornando isso difícil, mas eu estava pronto para o desafio.

— Então, você não quer que eu te leve para casa? — Decidi usar uma abordagem diferente e colocar Ivy em foco. Se ela se recusasse a me deixar levá-la, teria que dizer em voz alta que não queria… que ela não me queria.

Suas bochechas instantaneamente começaram a ficar vermelhas.

— Eu não disse isso. É só que Cori e eu tínhamos planos para depois. Certo? — Ela arregalou os olhos, silenciosamente pedindo a Cori que concordasse com a mentira óbvia.

Chega de jogos. Chega de perder tempo.

Meu corpo de repente parecia que poderia definhar e morrer se eu passasse mais um segundo sem ela debaixo de mim. Eu vinha negando meus verdadeiros sentimentos por anos. Não podia mais. Eu estava sendo irracional e consumido pela luxúria.

— Vocês duas não têm planos. E, honestamente, eu não me importo se tiverem. Cancelem — eu disse severamente, e Cori apertou os lábios para conter um riso ou resposta; eu não tinha certeza.

— Ou o quê? — Ivy pressionou, suas longas pernas em plena exibição. — Você vai ligar para o meu irmão e me dedurar? — O irmão dela. Tudo sobre nós sempre voltava para ele. Não essa noite. Não agora.

— Por Deus, Ivy. Meu carro está cheio. Não cabe você — Cori disse, e eu sorri, deixando-a saber que ganhou aqueles cinquenta dólares.

— Seu carro não está cheio. Eu vim até aqui dentro dele — Ivy argumentou.

— Eu tenho que colocar todas essas decorações em algum lugar. — Cori acenou com a mão em direção à decoração, que de forma alguma entraria no carro de ninguém. Ela ficaria aqui em um armário de armazenamento, e todos nós sabíamos disso.

— Tudo bem, Saint. Você pode me levar para casa, eu acho. Deixe-me ir me trocar — ela disse, mas peguei seu braço e a mantive parada.

— Não tire essa roupa. — Eu estava imaginando todas as coisas que poderia fazer com ela naquela saia minúscula. A última coisa que eu queria era ela fora disso. Nós brincaríamos de Papai Noel e a elfa travessa, se tudo desse certo.

— Ei — Cori reclamou —, vocês não podem ficar com as roupas.

— Nós podemos por uma noite — sugeri.

Cori esfregou os dedos no ar, insinuando que isso me custaria. Dei a ela um aceno de cabeça. Ivy olhou para sua roupa antes de olhar para a minha.

— Você vai ficar com a roupa de Papai Noel?

— Vou ficar com a roupa de Papai Noel.

Ela deu de ombros.

— Você está agindo de forma muito estranha, mas estou aqui para isso.

Dava para ver que Ivy não tinha ideia do que eu estava planejando ou esperando que acontecesse depois que chegássemos à casa dela. Nós éramos amigos há tanto tempo que ela confiava em mim o suficiente para simplesmente concordar com o que eu pedisse, sem fazer perguntas. Era uma das coisas que eu mais amava em nós — o fato de que a amizade era a base de nossa relação. E, na

minha opinião, nada era mais forte que isso.



A viagem de volta para seu apartamento no lago foi relativamente tranquila. Lembrei-me de quando ela ganhou o lugar. Estava muito animada, enquanto o resto de nós fervia de inveja. Tinha sido um baita negócio através de um velho amigo da família que não queria vender o apartamento, mas nunca mais moraria lá. Havia muitas escadas, e era muito barulhento nos fins de semana com todos os turistas. Bares e restaurantes se alinhavam na rua. Isso sem falar em todos os barcos e pontões ancorados logo abaixo de sua varanda. A localização era nível A, e Ivy aproveitou a chance. Ela dava festas o tempo todo no verão, mas eu não vinha aqui há quase um ano e me arrependi instantaneamente de como o trabalho estava sempre atrapalhando.

Olhei para Ivy e dava para ver que ela não tinha muita certeza do que eu estava fazendo e que estava nervosa demais para perguntar. E se minha resposta não fosse o que ela queria ouvir? Pelo menos, foi o que assumi. Uma música natalina tocava ao fundo e abaixei um pouco o volume com o botão no volante.

— Você está bem? O aquecedor do seu assento está funcionando?

Eu queria que ela se sentisse confortável, embora nunca tivéssemos feito nada tão simples como isso antes. Dirigir juntos em um carro deveria ser uma ocorrência cotidiana para pessoas que eram velhas amigas, mas, para mim e Ivy, simplesmente não era. Estivemos em carros com frequência, mas nunca sozinhos. E nenhuma vez recentemente.

— Está bom — disse, enquanto se encostava. — Isso é bom — acrescentou, e eu queria estender a mão e colocá-la em sua coxa.

Eu tinha certeza de que havia mais acontecendo naquela linda cabecinha, mas ela não diria nada daquilo em voz alta.

— Ivy. — Respirei, me concentrando na estrada e na neve caindo, sem dizer mais nada, embora eu tivesse um milhão de pensamentos correndo na cabeça.

— Saint… — ela disse meu nome em resposta, esperando. — Minha família está na minha casa? É por isso que ainda estamos com essas roupas?

Eu ri, olhando para ela por apenas um segundo antes de ver meus faróis iluminando as árvores.

— Não. Não tem ninguém lá.

— Então, por que você me fez ficar nisso?

Eu me dei um pequeno discurso motivacional silencioso e decidi que não tinha nada a perder. Já tinha chegado até aqui e planejava ir muito mais longe assim que chegássemos à casa dela.

— Porque eu tenho fantasiado com você o dia todo. Tem ideia de como está sexy? Quão difícil foi para mim focar nas crianças e não na sua bunda por cinco horas?

Ela respirou fundo antes de começar a sussurrar coisas que eu não conseguia entender.

Percebi que ela beliscou o braço.

— Isto é real?

— É real — respondi, e sua boca se abriu um pouco, como se ela não quisesse que eu ouvisse a pergunta, muito menos respondesse.

— Como, Saint? Por que agora?

— Porque eu não posso mais esperar.



Ele não podia mais esperar? *ELE não podia mais esperar?*

Eu estava esperando há um milhão de anos para esse homem olhar para mim como se me quisesse, e agora, ele estava me dizendo que sim? Por quanto tempo? Desde quando?

Eu tinha tantas perguntas e zero respostas.

Mas era uma sensação louca — conseguir a única coisa que você queria depois de tantos anos ansiando por isso. Era quase antinatural. Como se não pudesse realmente estar acontecendo. Saint sempre esteve fora de alcance, e uma parte minha imaginou que ele permaneceria assim. Desejá-lo, mas não o ter, era uma noção com a qual me sentia confortável.

E agora que ele estava me dizendo algo diferente, eu estava tudo menos confortável.

— Eu disse algo errado? — Sua voz atravessou as canções no rádio e as batidas do meu coração.

— Não. Você só me pegou desprevenida — admiti, me mexendo no lugar. De repente ficou muito quente.

Ou talvez eu estivesse suando.

— De um jeito bom? — ele perguntou, quando entramos na estrada de cascalho que levava ao meu apartamento à beira do lago.

A neve havia deixado um manto branco no chão e nos galhos das árvores. Tudo parecia tão bonito e tranquilo. Era Natal no seu melhor estado.

Ignorei sua pergunta completamente e peguei minha bolsa, para que eu pudesse tentar pegar minhas chaves. Meus dedos estavam tremendo, e fiz o meu melhor para esconder isso de Saint enquanto ele estacionava o carro, mas sem desligar o motor.

— Você vai entrar? — perguntei, continuando a busca, sacudindo a bolsa e ouvindo o som de chaves batendo, mas não as vendo em lugar nenhum.

Sua mão estava de repente no meu braço, as pontas dos dedos apertando minha pele, exigindo minha atenção.

Engoli em seco, tentando não me concentrar em como seu toque enviava calafrios em cada parte da minha pele.

— Ivy, olhe para mim.

Fiz como ele pediu. Inferno, eu não conseguia me lembrar de um momento em que não aceitei todos os seus pedidos.

— Você vai entrar ou não? — repeti, desta vez de frente para ele e olhando diretamente em seus olhos, desafiando-o a seguir com todas as coisas que disse no carro.

— Se você permitir.

Um alto “HÁ-HÁ” escapou do fundo da minha garganta, porque essa hipótese tinha que ser uma piada.

Esse homem sabia que eu o deixaria fazer o que quisesse.

— Se eu encontrar minhas chaves — reclamei, e ele pegou minha bolsa, tirando-a do meu colo e verificando o bolso lateral antes de puxá-las.

— Achei — avisou, com um olhar presunçoso e um meio sorriso

arrogante.

Meu cérebro continuava gritando comigo que finalmente beijaríamos Saint LaCroix. E se ele fosse ruim nisso? Eu quase ri alto. Essa não era uma possibilidade, então eu disse ao meu cérebro para ficar quieto.

Pulei para fora do calor de seu carro e para o ar gelado. O vento sacudiu minha saia, e quase o amaldiçoei por me fazer usar isso enquanto estava embrulhado em camadas de roupas de Papai Noel.

O som das travas de seu carro atingiu meus ouvidos logo antes de sua buzina soar uma vez.

— Vamos te levar para dentro. — Ele estava de repente ao meu lado, seus braços em volta da minha cintura enquanto nos apressávamos para a entrada.

Uma vez dentro do prédio, ele me seguiu pela longa escada de madeira em direção à porta da frente. Meu apartamento ficava no segundo andar de uma estrutura de dois andares e tinha as melhores vistas do lago sem acesso para turistas ou moradores bêbados. Como eu morava sozinha, parecia mais seguro do que estar no térreo.

A longa caminhada pelas escadas também deu a Saint tempo para repensar o que estava fazendo aqui ou para se convencer a não o fazer. Duas coisas que eu esperava que ele não cedesse. Destranquei e empurrei a porta da frente, e o cheiro de pinho atingiu meu nariz. Minha árvore de Natal estava no canto da sala, com o topo pressionado contra o teto e dobrado. Eu estava tão orgulhosa quando a comprei no outro dia, determinada a fazê-la caber, embora fosse claramente impossível.

— Cheira tão bem aqui — Saint disse, atrás de mim, e coloquei minha bolsa na bancada da cozinha.

— É a árvore. — Acenei com a mão em direção à minha grande

belezinha.

Sua mão estava no meu braço novamente, me virando para encará-lo. Respirei fundo com o contato e esperei que ele assumisse a liderança. Sem aviso, ele estava segurando meu rosto entre as pontas dos dedos, seu polegar traçando linhas na lateral da minha bochecha e no meu lábio inferior. Fechei os olhos e me inclinei para ele, desejando mais.

— Eu quero fazer isso há anos — disse, e meus olhos se abriram bem a tempo de vê-lo se movendo em direção ao ataque.

Sua boca estava na minha, seus lábios macios e hesitantes no início antes de se transformarem rapidamente em algo mais exigente e menos controlado. Sua língua forçou um caminho dentro da minha boca, e eu abri para ele, dando-lhe o acesso que desejava. Aquele beijo foi como um incêndio, ganhando vida com apenas uma faísca. Tantos anos de desejo explodiram entre nós, e não conseguíamos manter nossas mãos longe um do outro.

Dedos firmes estavam na minha bunda, debaixo da minha saia, depois nas minhas costas, puxando meu cabelo para fora do rabo de cavalo em que estava, e depois de volta na minha bunda, me apertando com força suficiente para deixar hematomas. Era como se ele não pudesse mantê-los em um lugar por muito tempo ou poderiam ficar presos. Com cada movimento, no entanto, ele nunca parou de me beijar. Nossas bocas nunca quebraram o contato. Estávamos fundidos, nossas línguas se tocando e puxando para trás em algum tipo de dança, nossas bocas abrindo e fechando enquanto respirávamos o mesmo ar.

— Meu Deus, Ivy.

Suas palavras eram quentes contra mim, e fiz o impensável e me afastei. Mas foi apenas para provocá-lo, e corri minhas mãos pelo comprimento do meu corpo antes de puxar meu short e calcinha de debaixo da saia e deixá-los cair no chão.

Saint parecia que poderia me atacar a qualquer momento, seus olhos cheios de luxúria, enquanto enxugava a boca com as costas da mão. Eu estava fazendo esse homem babar? Esperava que sim. Alcançando os botões no topo da fantasia de elfo, eu os desabotoei um por um. Sua mandíbula se abriu quando ele finalmente olhou para meus seios saindo de dentro do sutiã de renda em vez dos meus olhos.

Já estava na hora. Levou só uns cem anos.

— Você vai ser a minha morte — disse ele.

Eu me senti ainda mais estimulada com sua admissão. A confiança disparou através de mim.

— Quando você percebeu? — perguntei, querendo pelo menos essa resposta antes de levarmos isso adiante.

— Percebi o quê?

Seus olhos azuis ainda estavam focados em partes do meu corpo em vez do meu rosto, e eu me diverti com isso. Tentei tanto quando mais nova fazê-lo olhar para a minha figura, e agora, quando eu tinha desistido daquele jogo, ele parecia não conseguir ter o suficiente.

— Que você tinha sentimentos por mim — respondi, antes de ficar desconfortavelmente nervosa, minha confiança desaparecendo tão rapidamente quanto apareceu.

Saint nunca disse que tinha sentimentos por mim.

Ele só disse que me queria. Sexo e emoções reais eram duas coisas completamente diferentes. Eu não tinha certeza se poderia dar meu corpo a Saint e continuar como se nada tivesse acontecido entre nós. Não importava quanto tempo eu ansiei por seu toque, eu sabia que me destruiria dividirmos minha cama e ele ir embora.

— Você quer falar sobre isso primeiro? — ele perguntou, se apoiando

no balcão, e eu sabia que ele estava seriamente perguntando e não zombando de mim.

Mesmo com a protuberância dura saindo de suas calças ridículas de Papai Noel, ele estava disposto a guardá-la e ter uma conversa antes de fazer qualquer outra coisa.

Eu assenti.

— Acho que preciso. Não posso fazer isso com você se não significar nada.

E essa era a verdade. Mesmo que eu tivesse uma queda por Saint desde que me entendia por gente, nunca foi apenas uma coisa física para mim. Ele era o pacote completo. Meu homem ideal. O cara que servia de parâmetro para qualquer outro. Alguém que ninguém jamais chegou aos pés.

Se não estivéssemos na mesma página, então eu tinha que pular para fora do livro completamente, de uma vez por todas, e nunca mais abrir a lombada.



Finalmente abrindo o jogo

SAINT

Ivy achava que eu não tinha sentimentos reais por ela. Era hora de esclarecer tudo e abrir o jogo. Eu estava guardando tudo para mim por tempo demais, com muito medo de cruzar o limite ou quebrar a promessa que fiz a Davey todos aqueles anos atrás. Eu me importava com meu melhor amigo e não queria decepcioná-lo, mas ficar longe de Ivy era me negar a verdadeira felicidade. Algo que eu sabia que nunca encontraria com nenhuma outra mulher… porque elas nunca seriam ela. E, acredite em mim, eu tentei. Todas as vezes terminaram da mesma maneira — comigo desejando que elas fossem loiras de olhos verdes com um sorriso doce que fosse apenas meu e de mais ninguém.

— Você realmente acha que isso não significa nada para mim? — Eu queria estar ofendido, mas não podia. Aquela pobre mulher não tinha ideia de como eu me sentia, e como poderia? Eu nunca disse a ela antes de hoje.

— Eu só estava perguntando. Quer dizer, não posso fazer sexo com você se isso é tudo que quer de mim — ela disse, e fechei o pequeno espaço entre nós, colocando a mão em sua nuca.

— Eu quero você — disse, com um beijo — muito. — Eu a beijei

novamente, minha língua varrendo seu lábio inferior antes de tomá-lo em minha boca e gemer. — Mas não é apenas sexo para mim.

Seu corpo inteiro relaxou debaixo do meu abraço. O alívio pareceu preenchê-la, mas, para dar a ela um pouco de espaço para respirar, dei um passo para trás. Nós dois ficamos parados na cozinha, aparentemente com medo de que, se deixássemos essa parte do apartamento, o que tínhamos começado terminasse abruptamente.

— Mesmo? — Ela não parecia totalmente convencida.

— Eu desejo estar com você desde que tinha dezessete anos.

Lá estava. Eu tinha feito isso. Coloquei tudo em risco, que se fodam as consequências.

Eu realmente espero que Davey entenda e não me mate. Ou arruíne nossa empresa.

— Dezessete? — perguntou, e pude ver as engrenagens em sua mente girando enquanto tentava se localizar e entender por que eu disse aquela idade em particular.

— Você estava saindo de casa para um encontro com o maldito Jordan Ramsey. — Meus lábios se torceram em um rosnado quando disse o nome dele, mas algo dentro dela se encaixou. Eu vi no seu rosto inteiro.

— Eu lembro.

— Você estava vestindo jeans de cintura baixa e um *cropped* branco. Usava uma corrente prateada que envolvia sua barriga.

— Como você se lembra disso?

— Eu me lembro de tudo.

Ela arfou com a minha resposta, como se não pudesse acreditar. Como se toda essa informação fosse demais para seu cérebro processar de uma só vez.

— Mas eu fui ao encontro. — Ela deu de ombros, ainda tentando

entender todas as coisas que eu ainda não tinha contado.

— E eu estava fervendo de ciúmes.

— Não estava, não. — Ela parecia incrédula. — Você nem olhava para mim.

— Eu olhava para você. Eu notava você. Cada mudança em seu corpo. Cada roupa que você colocava. Toda vez que você tentava deixar meu pau duro vestindo praticamente nada na minha frente e depois se abaixando sem motivo.

Eu me senti ficando nervoso, só de pensar no jeito que ela costumava me provocar. Eu me masturbei pensando nela tantas vezes no chuveiro que pensei que poderia acabar arrancando meu pau.

Sua boca caiu aberta.

— Mas você nunca disse nada. E nunca olhou para qualquer lugar, exceto meus olhos — ela gritou, apontando para seus globos oculares com dois dedos.

— Ah, eu olhei sim. Você só nunca me flagrou. — Deixei que ela soubesse que tudo em que ela acreditava desde que éramos crianças era basicamente uma mentira. — Mas seu irmão flagrou.

Sua boca se fechou.

— Davey — ela disse o nome dele, como se tivesse um gosto ruim em sua boca. — O que aconteceu?

— Na noite do seu encontro, eu não conseguia tirar os olhos de você, e estava com tantos ciúmes que não conseguia nem falar claramente.

Ela soltou uma risada suave.

— Na verdade, eu me lembro disso. — Ela balançou a cabeça. — Você estava falando baboseiras sem sentido antes de eu sair de casa, certo?

— Sim. Seu irmão me chamou. Disse para ficar bem longe de você ou eu não seria mais bem-vindo em sua casa.

— Sério?

Eu balancei a cabeça, concordando.

— Então, ele me fez prometer que nunca tocaria em você. Nunca. Em toda a minha vida.

Ivy jogou a cabeça para trás em descrença e compreensão. Os dois conceitos se chocavam contra ela ao mesmo tempo. Tive anos para conciliar essa noção na minha cabeça, mas ela tinha acabado de saber sobre isso.

— E você concordou com essa promessa? — Sua cabeça inclinou para o lado, e observei seu cabelo loiro cair sobre seus ombros.

— Eu precisei.

— Porque pensou que perderia todo mundo se não concordasse.

Ela entendia completamente o que sua família sempre significou para mim. Ivy me compreendia sem que eu tivesse que explicar demais.

— Eu estava com os dedos cruzados nas costas quando fiz isso, então talvez não valha.

Isso a fez rir alto.

— Ah, isso definitivamente anula a promessa. Todo mundo sabe disso.

— Quero que você saiba que tentei pensar em maneiras de estar com você e não irritar seu irmão, mas ele ainda traz essa maldita promessa à tona, mesmo agora.

— O quê? Por quê? — Ela parecia ridiculamente surpresa. — Somos adultos. Podemos fazer o que quisermos. Por que ele se importa tanto com quem eu namoro? Era de se pensar que ele gostaria que eu ficasse com alguém como você.

— Acho que é porque ele sabe.

— Sabe o quê?

— Que eu sempre quis estar com você. Mas fizemos um acordo. E

sinto que ele está me fazendo seguir em frente por algum motivo.

— Mas isso não faz nenhum sentido — ela reclamou. — Além disso, você pode, por favor, tirar essa fantasia? Estou farta de tentar ter uma conversa séria com o Papai Noel.

Comecei imediatamente a tirar a jaqueta bufante e as calças enormes. As roupas que eu usava por baixo estavam encharcadas de uma camada de suor. Ser Papai Noel era um trabalho árduo.

— Ivy, eu preciso tomar um banho. — Puxei a camiseta branca do corpo, mostrando a ela como estava molhada, antes de deixá-la voltar ao meu peito com um tapa.

— Ok.

Seus olhos estavam em todos os lugares, menos nos meus, e eu sabia que ela ainda tinha dúvidas. Inferno, ela provavelmente tinha doze anos delas.

— O que foi? — perguntei, e ela olhou para mim com o que parecia vergonha em seus olhos.

— Eu tenho roupas que você pode usar — disse ela.

Ciúme queimou em brasa em minhas veias. Tentei engolir, mas minha garganta estava seca.

— Não vou vestir roupas de outro cara — rebati, um pouco duramente, mas eu estava irracionalmente chateado. O pensamento de qualquer outro homem a tocando me deixava cruel.

— Elas são suas.

— O que você quer dizer, elas são minhas? — questionei.

Ela deu um passo para trás e cruzou os braços sobre o peito antes de explicar em rápida sucessão:

— Eu tenho, tipo, quatro camisetas e uma calça de moletom cinza suas.

Não pude evitar, e comecei a rir.

— Eu me perguntava onde aquele moletom tinha ido parar. Era meu favorito.

Ela tentou esconder um sorriso.

— Eu sei. Mas o pensamento de você andando de calça de moletom cinza me deixava louca.

Eu não tinha ideia do que diabos ela estava falando.

— Não tenho certeza do que isso quer dizer.

Um som irritado escapou de sua boca.

— Procure “moletons cinza em caras”. Isso existe.

— Então, você roubou meu moletom — eu disse, com naturalidade.

— E faria de novo. — Ela não estava nem remotamente arrependida.

— E as camisetas?

— Elas têm seu cheiro. Ou, pelo menos, costumavam ter.

— Ivy. — Eu praticamente rosnei o nome dela. — Eu sabia que você gostava de mim, mas roubar minhas roupas beira a obsessão.

— Você chama de obsessão; eu chamo isso de aquisição criativa.

Eu não conseguia nem agir como se estivesse um pouco chateado com seus métodos de roubo. Ela pegou minhas roupas quando eu as teria dado a ela de bom grado.

— Tome um banho comigo.

Seus olhos se estreitaram em um olhar travesso que combinava com sua expressão.

— Achei que você me quisesse com essa saia estúpida.

— Agora eu quero você fora disso.

— Você promete que não é apenas sexo? — sussurrou a pergunta e, por um segundo, pensei que ela merecia algo melhor do que um banho como

nossa primeira vez. Mas imaginei que haveria tantas outras vezes depois que não importava.

— Eu prometo que não é apenas sexo. Você nunca poderia ser *apenas* qualquer coisa. Agora, fique nua.



Vida longa ao sexo no chuveiro

IVY

Saint tinha acabado de confessar tantas coisas para mim que eu não só nunca soube, mas também nunca tinha suspeitado antes de hoje. Eu honestamente acreditava que ele nunca olhou para mim como outra coisa além de uma irmãzinha. E definitivamente não tinha ideia de que todas aquelas vezes que eu estava com pouca roupa, tentando provocá-lo e fazê-lo me querer, realmente funcionaram.

Saint era incrivelmente bom em esconder seus sentimentos de mim. Mas agora, eu também entendia exatamente o porquê: Davey. A pessoa que agora estava no topo da minha lista de merdas. Quanto mais eu pensava nisso, mais irritada ficava. Saint e eu poderíamos ter descoberto essa coisa entre nós anos atrás e provavelmente até estarmos juntos esse tempo todo. Mas não, meu irmão teve que enfiar o nariz onde não deveria e tentar controlar minha vida amorosa. Algo que não tinha nada a ver com ele.

— Ivy — a voz de Saint interrompeu minha raiva interior.

Eu tentei sair dela.

— Desculpe. Eu estava ficando com raiva de Davey na minha cabeça.

Saint começou a sacudir a dele.

— Não. Deixe-o fora disso por enquanto. Esta noite é sobre você, eu e mais ninguém. Além disso, eu disse para você ficar nua.

— Você disse — eu falei, soando agradável.

— Você ainda está de roupa — disse ele, apontando o óbvio, e notei que a dureza em suas calças estava de volta e à mostra.

Arregalei meus olhos, a fitando, incapaz de desviar o olhar. Como Saint andava com aquela coisa entre as pernas?

— Você ainda… está… com roupas — gaguejei, apontando para ele.

Ele largou sua calça jogger e tirou a camisa daquele jeito sexy que os homens faziam — agarrando-a por trás da cabeça e puxando-a.

— Agora, não estou.

Eu não conseguia parar de olhar para *aquilo*. Não havia como essa coisa entrar em mim sem algum esforço real. Ou muita lubrificação.

— Se você me fizer pedir de novo, eu vou te bater.

Minha boca se abriu em choque. Eu nunca tinha visto Saint falar dessa maneira, e não tinha certeza se estava excitada ou um pouco assustada. Deve ter sido uma combinação de ambos. Para evitar a surra, sem saber se ia gostar ou não, tirei minha saia fina e o top que desabotoei mais cedo. Eu estava em nada além de um sutiã de renda quando Saint deu um passo em minha direção, sua dureza me cutucando na perna.

Ele alcançou minhas costas com as duas mãos, e senti a pressão ser liberada quando ele deixou meu sutiã cair no chão, libertando minhas meninas. Antes que eu pudesse me mover, ele caiu de joelhos e começou a me beijar em lugares onde eu não estava preparada.

Puxando seus ombros para que ele parasse de fazer isso e se levantasse, chamei seu nome.

— Eu preciso de um banho também. Estou suando o dia todo e, bem,

não quero cheirar a suor.

Saint me deixava nervosa. Esta era a nossa primeira vez juntos, e a última coisa que eu queria era que minhas partes íntimas fossem uma mistura de suor e qualquer outra coisa que cheirasse naturalmente. Não seria uma primeira impressão estelar se ele jogasse o rosto lá embaixo.

Eu, por outro lado? Não poderia me importar menos com o cheiro de seu pau gigante. Estava mais preocupada de não ser capaz de colocá-lo na boca, muito menos em qualquer outro lugar. Claro, um cara como Saint seria abençoado em todas as áreas, tornando-o ainda mais atraente.

Ele pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos, e nos levou para o banheiro. Eu adorava que ele soubesse exatamente para onde estava indo, embora só tivesse estado aqui algumas vezes desde que me mudei. Normalmente, eu teria sido um pouco mais autoconsciente e ciente da iluminação enquanto vagava nos corredores, completamente nua, mas era de Saint que estávamos falando. Eu não conseguia esconder nada dele.

A água foi ligada, e vi quando ele colocou a mão embaixo do chuveiro antes de ajustar o registro um pouco para a esquerda para ficar mais quente. Quando ele me encarou, seus dedos deslizaram pela lateral do meu corpo, traçando minhas curvas, seus olhos permanecendo fixos nos meus. Quando adolescente, isso sempre me deixou frustrada, mas, esta noite, isso me fazia sentir especial.

— Você é tão linda — disse ele, antes de acrescentar: — que dói.

Quase desmaiei com o peso de seu elogio. Ninguém nunca tinha olhado para mim do jeito que Saint olhava naquele momento. E nenhum homem jamais disse esse tipo de coisa e quis realmente dizer isso. Excluindo os caras bêbados em bares.

Ele tirou a mão do meu quadril e testou a água uma última vez antes

de entrar e me chamar. O jato atingiu meu cabelo e percebi que teria que lavá-lo agora que estava ficando molhado.

Saint pegou minha bucha roxa e procurou qual frasco era o sabonete antes de derramar uma quantidade ridícula nela. Eu não pude evitar a risada que escapou por entre meus lábios.

— Você está rindo de mim? — perguntou, ambas as covinhas aparecendo.

— Isso é muito sabão. — Apontei para a bucha, e ele simplesmente deu de ombros.

— Eu não tenho uma dessas coisas na casa. E uso sabonete em barra. Não sei que diabos estou fazendo — ele admitiu, e o encanto parecia escorrer de cada poro.

— É adorável — afirmei, antes de lhe dar um beijo.

Seus lábios estavam encharcados de água, e gostei do jeito que os deixou escorregadios. Serpenteando minha língua para fora da boca, corri ao longo de seu lábio inferior, e ele gemeu em resposta, seu braço se estendendo e pressionando contra a parede para se equilibrar.

— Não estava esperando por isso. — Ele respirou, seus olhos se fechando antes de reabri-los. A sensação da bucha me surpreendeu no início, e me encolhi antes que ele começasse a me ensaboar.

Saint se moveu lentamente, os olhos seguindo cada movimento de suas mãos. Um rastro de espuma foi do meu seio esquerdo ao meu quadril, e seu olhar era penetrante. Eu podia *senti-lo* me encarando.

— Coloque seu pé aqui — ordenou, e descansei meu calcanhar em seu músculo da coxa.

Saint lavou meus pés e entre meus dedos antes de ensaboar as mãos em vez da bucha e subir pela minha perna, em direção à parte interna da minha

coxa.

Meu pé caiu, e fiquei grata por não ter desmoronado completamente.

— Preciso de ambos os pés no chão — eu disse, e ele sorriu diante isso, claramente gostando do efeito que teve em mim.

Sua mão estava entre minhas pernas, ensaboando minha área mais sensível antes de passar para minha bunda e me limpar lá também. Quando inclinei a cabeça para encará-lo, ele estava lambendo os lábios, seu cabelo escuro e molhado caindo nos olhos. Ele se afastou do jato de água, deixando-o bater em mim, e assisti as bolhas de sabão se afastarem.

— Acho que você está limpa agora — disse ele, antes de cair de joelhos sem aviso prévio.

Eu o havia parado mais cedo, com medo de estar suada lá embaixo, mas agora não tinha desculpa.

Sua língua atacou, atingindo meu clitóris, antes de tomar tudo de mim em uma varredura lânguida. Se pensei que poderia desmaiar antes, não era nada comparado ao que estava sentindo agora.

— Ivy — Saint grunhiu contra mim, sua respiração quente, gotas de água continuaram caindo entre nós —, você tem um gosto tão bom.

Minha mão agarrou seu cabelo molhado enquanto ele me lambia de novo. E de novo.

— Como lavanda? — eu estupidamente perguntei, por que esse era o cheiro do meu sabonete líquido.

— Não — foi tudo o que Saint disse, continuando a arrebatar minha parte inferior do corpo, fazendo-me estremecer a cada toque.

Eu não tinha ideia de como minhas pernas não estavam cedendo debaixo de mim, como eu ainda era capaz de ficar de pé.

— Meu Deus, Saint — gaguejei, meu orgasmo começando a ser

construído de algum lugar dentro de mim.

Ele me lambeu mais rápido, sua técnica consistente, e isso foi o suficiente antes que eu jogasse a cabeça para trás, fechasse meus olhos e gritasse de prazer, meu corpo se empurrando contra seu rosto.

Ele se recusou a parar. Mesmo quando eu estava voltando do meu orgasmo, sua língua continuou a trabalhar em mim. Tive que afastá-lo fisicamente.

— Isso foi incrível — elogiei, minha respiração irregular.

Ele ficou de pé, sua ereção me implorando por atenção e me batendo na perna. Um rápido olhar para ele, e eu estava receosa mais uma vez.

Antes que eu pudesse cair de joelhos na tentativa de colocar essa coisa na minha boca, Saint estava segurando meu corpo contra o dele, beijando todos os pensamentos da minha cabeça. Eu me perdi na sensação de suas mãos na minha pele, desejando poder gravar este momento em meu arquivo de memória central.

— Minha vez — eu disse, quebrando o beijo e silenciosamente me desejando sorte.

Lentamente abaixei o corpo em direção ao chão; meus joelhos batendo no tapete com um baque suave. Eu tinha razão. Este pênis veio dos deuses. Olhei para ele e para cima em direção a Saint, que estava me observando com olhos curiosos, antes de voltar para *ele* novamente.

— Algum problema, amor? — perguntou, com um sorriso malicioso, e senti a determinação correr pelas minhas veias. — Não — eu disse, estalando a língua antes de agarrar a base de seu pau com a mão e pegar a ponta dele dentro da boca.

Um gemido cheio de prazer saiu de Saint, e eu mal tinha feito nada. Aquele som me estimulou ainda mais. Eu o levei o mais fundo que pude sem

engasgar e deixei minha mão fazer o resto. Os movimentos simultâneos pareciam funcionar, e Saint bateu as palmas das mãos contra as laterais do chuveiro — uma nos azulejos, a outra na parede de vidro. Fiquei meio surpresa que ele não a tivesse quebrado.

— Ivy. Jesus. Isso é tão bom. — Sua respiração era difícil, sua voz irregular, e fui eu quem o fez ficar assim.

Gemi em torno do tamanho dele, ainda trabalhando minha mão em sua base quando o senti crescer ainda mais dentro da boca.

— Estou tão perto. Bem desse jeito. Não pare, amor.

Toda vez que ele me chamava de *amor*, a adolescente Ivy gritava de algum lugar do passado. Saint começou a estremecer e pulsar, e antes que eu percebesse, ele encheu minha boca. Eu brevemente considerei cuspir tudo, mas engoli.

— Você é uma deusa — ele disse, e realmente me senti como uma.



VY

Depois do banho mais intenso que já tomei na vida, fomos para o quarto. Eu estava grata porque minha suposição sobre a necessidade de uma ajudinha para colocá-lo dentro de mim estava certa. Um banho nunca teria funcionado para isso.

Saint era um amante atencioso, prestando atenção na forma como meu corpo reagia ao seu toque e me fazendo implorar por mais. Nunca me senti tão adorada. Quando ele saiu de mim pela terceira vez, meu corpo dolorido demais para mais, pensei que ele poderia ir para casa. Tínhamos cruzado uma linha que não podia ser descruzada, mas eu ainda não sabia o que isso significava.

— Você tem que ir? — perguntei, quando me virei para encará-lo, nossos corpos nus torcidos nos lençóis e um no outro.

— Ir aonde?

Seu braço alcançou meu quadril, e ele me puxou rudemente contra si, me segurando lá. Nossos corpos se encaixavam perfeitamente assim, como duas peças do mesmo quebra-cabeça. Eu podia sentir seu coração batendo contra minhas costas.

Devo ter adormecido, porque quando abri os olhos de novo, ainda

estávamos na mesma posição, mas havia luz entrando pelas minhas cortinas. Era de manhã. O alarme de Saint começou a apitar em seu telefone, e seu corpo estremeceu em resposta, o braço me esmagando antes de seu polegar traçar círculos preguiçosos na minha pele.

— Bom dia. — Ele respirou atrás de mim, seus lábios pressionando contra meu ombro.

Tentei virar a cabeça para vê-lo, mas não consegui ir tão longe.

— Bom dia.

Ele quebrou nosso contato, o ar frio batendo ao nosso redor enquanto ele silenciava seu alarme.

— Merda — murmurou, baixinho.

Sentei-me e olhei para ele, minha parte inferior do corpo doendo.

— O que foi?

— Eu tenho que ir ao escritório. Davey mandou mensagens.

— Ok — eu disse, tentando parecer tranquila, mas sua mudança repentina de comportamento me deixou preocupada.

— Você está pirando — ele disse, forçando-me a admitir que estava.

— Um pouco.

— Deixe-me lidar com Davey.

Ele tentou soar como se tivesse tudo sob controle, mas eu conhecia Saint melhor do que isso. Ele não tinha. Estava nervoso e possivelmente repensando cada coisa que tínhamos feito nas últimas vinte e quatro horas. Seu relacionamento com meu irmão era uma das coisas mais importantes em sua vida, e eu não podia fingir que não era.

Foi quando percebi que não tinha pensado em nada disso direito. Não de verdade. Não no que tudo isso poderia significar. Eu só sabia o que eu queria, que era ele. Mas e se conseguir isso arruinasse todo o resto no processo? Ou

pior, e se à luz do dia, Saint pensasse que cometemos um erro? Eu nunca mais seria capaz de olhá-lo no rosto e perderia um dos meus amigos mais antigos e confiáveis.

Saint empurrou os lençóis de cima de seu corpo e se levantou, os braços se estendendo antes de pegar as roupas de ontem em vez das que roubei dele.

Pelo menos eu vou ficar com elas, pensei comigo mesma.

E se isso fosse tudo que ele me deixaria?

— Você vai contar a ele sobre nós? — forcei, porque de repente estava com medo de perdê-lo e ansiava por algum tipo de esclarecimento sobre o que éramos agora.

Seus olhos azuis varreram a sala antes de pousar nos meus.

— Eu vou. — Ele assentiu, e me senti relaxar um pouco.

— Hoje? — continuei a pressioná-lo.

Se o que aconteceu entre nós foi tão transformador quanto eu considerava, não havia razão para esperar. Todo mundo descobriria em breve.

— Eu não tenho certeza — disse ele, e minha expressão deve ter correspondido ao meu desapontamento, porque Saint estava de volta na cama, acariciando meu rosto. — Por favor, entenda, Ivy. Eu vou dizer a ele. Só tenho que escolher o momento certo.

— Mas o Natal é daqui apenas três dias — comentei, como se ele já não soubesse dessa informação.

Saint e seu pai sempre vinham à nossa casa para o jantar de Natal. Seria incrivelmente estranho agora. Atribua isso como outra coisa que eu não tinha considerado antes de mergulhar de cabeça no chuveiro com Saint.

Eu o vi engolir em seco, sua cabeça balançando levemente.

— Eu sei.

— Não serei capaz de fingir que não pertenço a você. Todos naquela mesa saberão que você esteve dentro de mim.

Eu era uma péssima mentirosa, e como nunca fui capaz de esconder meus sentimentos por Saint, percebi que não havia como esconder da minha família o fato de que finalmente tínhamos realizado a façanha. Eles veriam escrito na minha testa.

Um sorriso se espalhou por suas bochechas, aquelas covinhas fazendo uma aparição. Ele se inclinou para mais perto de mim e deu um beijo na minha boca. Quando ele tentou se afastar, agarrei a parte de trás de sua cabeça e o beijei novamente.

E se este fosse o último beijo que ele me daria?

— Vou contar ao seu irmão.

— Antes da ceia de Natal — tentei, mas ele não concordou. Ignorou minha declaração completamente.

— Ligo para você mais tarde, amor.

E assim, Saint saiu do meu quarto e do meu apartamento. Fiquei na cama até ouvir o carro dele ligar e partir.

Quando finalmente me recompus e entrei na cozinha, notei que ele havia dobrado cuidadosamente nossas duas fantasias da noite anterior. Eu sabia que precisava devolvê-las à Cori, mas uma parte de mim queria colocá-las em uma caixa de memória e guardá-las para sempre.

Eu nunca mais olharia para uma fantasia de Papai Noel da mesma maneira.

Meu telefone começou a tocar a música para ligações da Cori, e atendi antes de cair na caixa postal, sabendo que ela começaria a me bombardear com mensagens se eu a ignorasse.

— Ei.

— O que aconteceu ontem à noite? Ele ainda está aí? Você estragou as fantasias? Por favor, me diga que você não estragou as fantasias — ela disse rapidamente, e soltei um suspiro quando ela finalmente parou de falar.

— Vou te contar no salão. Bem, contanto que nossas mães não estejam lá. Ele acabou de sair. E as fantasias estão ótimas. Vou levá-las comigo.

— Minha mãe está de folga hoje. Acho que somos as únicas com agendamentos.

Enquanto a maioria das empresas tendia a desacelerar durante as férias, nosso salão de beleza só ficava mais cheio. As pessoas voltavam à cidade todos os anos regularmente, e famílias inteiras de mulheres marcavam horários com meses de antecedência para arrumar o cabelo para jantares e festas.

Aquele espaço entre o Natal e o Ano-Novo, quando a maioria dos outros lugares ouvia grilos o dia todo? Era quando trabalhávamos sem parar e fazíamos o nosso melhor dinheiro do ano. Aquelas que queriam fazer uma grande entrada quando chegavam em uma sala sabiam exatamente aonde ir para que isso acontecesse. Não havia nada como um novo corte, cor, extensões ou uma escova impressionante, e Cori e eu éramos duas das melhores da cidade.

Ver os rostos das minhas clientes pela primeira vez depois que eu girava a cadeira delas para olhar no espelho era algo que eu nunca me cansaria. Realmente amava fazer as mulheres se sentirem bonitas.

— Oláááááá? — Cori gritou tão alto ao telefone que tive que afastá-lo do ouvido.

— Estou aqui — exclamei porque, agora, meu ouvido estava zumbindo.

— Argh. Só se apresse e vá para o salão, para que você possa me informar.

Cori sabia que eu nunca falaria sobre Saint se uma cliente estivesse

sentada na cadeira. Ouvir tudo sobre seus assuntos pessoais era uma coisa, mas contribuir com histórias sobre os meus era uma linha que eu não ousava cruzar. Não que a maioria parecesse se importar ou mesmo notar.

As pessoas adoravam falar sobre si mesmas. Eu gostava disso, para ser honesta. Não houve um único dia em que eu não aprendesse algo novo.

O que será que vou aprender hoje? Pensei comigo mesma, arrumando minha bolsa, pegando as fantasias e me agasalhando com uma jaqueta grande.

Quando cheguei ao meu carro, ele estava coberto de neve, mas o para-brisa e todas as janelas tinham sido raspadas do gelo que eu sabia que as cobriam.

Saint.

Se aquele homem não contasse ao meu irmão sobre nós, eu deixaria escapar no meio do jantar de Natal e destruiria tudo. Não havia chance de eu ser capaz de passar a noite toda com ele e não ceder.



Quebrador de promessa

SAINT

Eu estava tendo uma conversa motivacional comigo mesmo durante toda a viagem da casa da Ivy até o escritório. Vinte minutos de psicologia barata ininterrupta, em que eu oscilava entre ser o pior amigo na face da terra, que tinha realizado o ato mais imperdoável, até tentar me convencer de que não tinha feito nada de errado e que Ivy e eu éramos dois adultos consentidos que mereciam ser felizes.

Mesmo que seja com a irmãzinha do meu melhor amigo.

Meu Deus, eu era definitivamente o pior, e Davey nunca me perdoaria.

Quando entrei na cozinha do escritório para tomar um café, Davey já estava lá junto com alguns funcionários.

— Bom dia, irmão — disse ele, seu longo cabelo loiro puxado para um coque masculino que eu jurava que só ele poderia fazer. — Você parece acabado — completou, com facilidade, antes de estreitar os olhos. — O que você fez ontem à noite?

— Nada. — Tentei parecer indiferente, mas ele me conhecia melhor do que quase qualquer um, então mentir era difícil.

— Você não tinha aquela coisa de voluntário com a Ivy?

Agindo como se eu já tivesse esquecido sobre isso, mesmo que estivesse em meu cérebro como fogo de um atiçador em brasa, dei-lhe um aceno.

— Ah, sim. Muitas crianças. Tantas crianças. — Eu me concentrei em colocar um pouco de creme no café e mexi com um canudo minúsculo.

— Você era o Papai Noel, certo? Tem alguma foto? — Ele estava me provocando agora, e essa pequena mudança em sua voz me acalmou.

Se Davey soubesse o que aconteceu ontem à noite, a última coisa que ele faria seria brincar.

Vasculhei meu cérebro por um segundo antes de responder:

— Na verdade, não tenho nenhuma foto. Mas todas as crianças têm. Havia um fotógrafo lá.

— O que Ivy estava fazendo? Como ela está? Sinto que não a vejo há meses.

Sua irmã é um anjo que tem gosto de pecado, e nunca me cansarei da boceta dela na minha boca.

— Ela era uma elfa — eu disse.

A elfa mais gostosa que já vi. Você deveria ter visto a bunda dela naquela saia. Diabos, você deveria ter visto a bunda dela fora daquela saia.

— O quê? — A voz de Davey rompeu meus pensamentos e, por um segundo, pensei que poderia ter dito tudo isso em voz alta. Tenho certeza de que não estaria de pé se tivesse. — Ela era um elfo? AHÁ! Por favor, me diz que você tem pelo menos uma foto disso.

— Não. Cori talvez tenha — eu sugeri que não poderia estar menos interessado, e ele parecia momentaneamente satisfeito.

— Eu sabia que deveria ter dado uma passadinha para ver essa merda pessoalmente. — Ele deu um tapa no meu ombro antes de me avisar que tínhamos uma ligação com nosso advogado, Larry.

Estávamos tentando encerrar esse processo antes do fim do ano. Um cara na Califórnia tentava alegar que tínhamos roubado sua ideia de aplicativo, mas não havia nada original sobre criar um aplicativo de encontros para indivíduos de sucesso. Sem mencionar o fato de que o nosso era para o público local.

Ao contrário de outros aplicativos, você não poderia atualizar sua localização e tentar encontrar alguém enquanto estivesse viajando. Basicamente, se você saísse da cidade, o aplicativo não funcionava. Mas esse era o objetivo — conhecer alguém onde você mora, onde você queira morar, ou onde você planeja envelhecer.

Houve um monte de pessimistas no início, alegando que ninguém iria querer algo tão “mente pequena”, diziam. Mas, felizmente para mim e Davey, eles estavam errados, e nossos instintos estavam certos. Tínhamos um dos negócios on-line mais bem sucedidos da cidade.

— Larry diz que esse cara não tem chance. Ele só está tentando mostrar sua força, por assim dizer — disse Davey, fazendo uma careta.

— Ele não tem nenhuma chance — eu disse, torcendo para que meu tom refletisse minha irritação.

Tudo isso era perda de tempo, recursos e dinheiro. Não havia nenhuma chance desse idiota arrogante da Califórnia ganhar, mas, para não perdermos, tivemos que fornecer documentação de criação, arquivos do aplicativo, e todo tipo de coisas. Foi uma perturbação colossal.

— Eu sei. Me pergunto o tempo todo qual é a perspectiva dele — disse Davey, enquanto caminhávamos em direção aos nossos escritórios. Eles estavam do outro lado do corredor, então paramos no meio e continuamos nossa conversa. — Tipo, qual é o ponto de fazer isso conosco? Não somos a concorrência. Ele está em Los Angeles, pelo amor de Deus. Há um milhão de

pessoas ricas lá.

Eu tinha refletido a respeito desse cara tantas vezes que isso me rendia noites em claro. Já havíamos injustiçado esse cara em algum momento da nossa vida? Depois de pesquisar ele e sua companhia por horas a fio, percebi que nunca o tínhamos conhecido e não tínhamos amigos em comum. Isso não era algum tipo de vingança pessoal contra nós; o cara só tinha muito tempo livre.

— Pelo que averiguei, ele está entediado. E é o tipo de cara que acha que todos querem roubá-lo. Os pais dele são ricaços. Ele nunca teve que trabalhar um dia na vida. Tem uma equipe inteira que pesquisa nas lojas da Apple e da Android por qualquer coisa remotamente semelhante a qualquer uma de suas criações, e então faz isso.

— Ele as processa?

— Sim. — Acenei com a cabeça. Eu tinha descoberto essa parte só ontem de manhã, então eu não tinha dito a ele ainda. — A pior parte é que ele para a maioria das pessoas antes mesmo de saírem do chão.

— Isso é horrível. — Davey fez uma careta.

— Definitivamente não é bom.

Nossa crença central era apoiar nossos colegas criadores de conteúdo. Muitas vezes conversamos em conferências sobre como começar seus próprios negócios e criar um aplicativo comercializável. Davey e eu acreditamos que uma maneira de retribuir era compartilhando informações. Não informações proprietárias, apenas conhecimento. Cá entre nós, nós tínhamos muito disso sem ter onde colocar.

— Caras assim merecem levar uma surra.

Dei-lhe um aceno, para ele saber que eu basicamente concordava, enquanto silenciosamente me preparava para o fato de que uma vez que eu dissesse a ele sobre mim e Ivy, seria minha bunda que ele tentaria chutar.

— Deixe-me pegar um arquivo do meu escritório, e vamos atender a chamada no seu.

— Parece bom assim — disse ele, antes de ir embora, e eu tentava trabalhar a maldita coragem para que ele soubesse que eu gostava de sua irmã como mais do que uma amiga.



A ligação com Larry levou menos de vinte minutos. Ele disse que a reivindicação deveria ser encerrada antes do Natal, mas já estávamos lidando com isso há meses, então Davey e eu não estávamos convencidos. Eu queria estar esperançoso de que o processo fosse retirado de uma vez por todas, mas não estava.

— Tudo bem, então agora o que fazemos? — Davey perguntou, depois de terminar a chamada, e dei de ombros.

— Nós esperamos.

— Eu não quis dizer com o processo, mano. Quis dizer com o nosso dia. — Ele parecia tão animado, e eu odiava o quão conflituoso me sentia por dentro.

Eu precisava colocar tudo para fora de uma vez por todas. Não era como se Ivy e eu escondêssemos um relacionamento dele há meses ou algo assim.

Estar com a Ivy era óbvio, especialmente depois da noite passada. Não havia nenhuma chance de eu me afastar dela sem lutar, então por que contar ao seu irmão era tão difícil? Eu era um homem adulto, mas, sempre que pensava em confessar, voltava para aquele garoto de dezessete anos que tinha se esforçado muito para manter sua palavra — mesmo que seus dedos estivessem cruzados

nas costas.

Essa promessa estúpida repercutiu nos meus ouvidos. Davey estava falando sério quando me pediu para prometer, e em uma noite, eu tinha quebrado tudo em pedaços. Havia uma grande probabilidade de que ele nunca me perdoasse, e eu não tinha ideia de como continuaríamos trabalhando juntos se isso acontecesse.

Posso perder metade da minha família e ainda viver feliz com a outra?

Esse era o meu dilema.

— O que está te incomodando? Você está com aquela cara — disse Davey, trazendo-me de volta ao presente.

— Que cara? — perguntei, imaginando o que ele diria.

— A cara de que está escondendo algo de mim — pressionou, e engoli em seco, sentindo o nó na minha garganta.

— Não, não estou.

— O que você disse que fez ontem à noite?

Era a segunda vez que ele fazia essa pergunta em particular.

— Eu já te disse. Nada.

Ele empurrou sua cadeira para trás e se levantou, e instintivamente fiz o mesmo. Davey definitivamente sabia mais do que ele tinha deixado passar mais cedo.

— O tipo de nada que envolve seu carro estacionado na casa da minha irmã a noite toda?

Arfei, quase engasgando com o ar entrando. Eu me sentia como se estivesse sufocando.

— O mínimo que você pode fazer é ser a porra de homem e admitir na minha cara — ele rosnou, e nós dois ficamos de cabeça erguida, nossos ombros para trás, peitos estufados.

— Eu ia te dizer — tentei falar, mas ele colocou a mão para cima.

Ele não queria ouvir minhas desculpas de merda, e eu não tinha certeza se o culpava, mas estava tudo em aberto agora.

Não havia como voltar daqui. E, honestamente, eu precisava que ficássemos nesse ponto, porque me sentia mais no controle do que trinta segundos atrás.

— Você prometeu.

— Eu tinha dezessete anos! — gritei de volta, porque estava começando a ficar puto. Isso foi idiotice.

— Você. Me. Fez. Uma. Promessa — enunciou cada palavra, enquanto eu assistia sua mão se fechar em um punho.

Preparei-me para o soco que ele estava prestes a dar. Eu o concederia apenas este antes de começar a revidar.



IVY

Entrei no salão uma hora antes do meu primeiro cliente chegar. Havia coisas para preparar e ajeitar, mas, principalmente, era para que eu pudesse encher Cori de informações da minha noite com Saint sem nenhuma orelha fofoqueira.

— Aqui estão as fantasias — gritei no vazio.

Não tinha certeza se ela as levaria para o carro ou não, então não as coloquei em sua estação, deixando-as em cima do balcão da recepção em vez disso. Deixei minha bolsa em uma das gavetas da minha estação e guardei o telefone no bolso. As estações já eram apertadas o suficiente sem adicionar nada extra ao espaço. Só o casaco do Papai Noel era uma massa gigante de material que tinha cerca de dois metros de altura, mesmo quando dobrado.

Cori perambulou, passando pelo canto do armário de suprimentos nos fundos, um sorriso cúmplice em seu rosto antes que literalmente começasse a gritar como se estivéssemos de volta nos velhos corredores da escola do ensino médio. Ela correu até mim e me deu um abraço.

— Você se sente diferente? — perguntou, seus olhos castanhos curiosos.

— Não é como se o cara tivesse tirado minha virgindade. — Embora ele tivesse feito coisas que eu nunca tinha feito antes.

— Não posso acreditar que isso finalmente aconteceu. Estamos ansiando por ele há anos. — Eu definitivamente notei o jeito que ela disse *nós*, e isso me fez sorrir. — Preciso saber cada detalhe sujo. — Ela sugestivamente balançou as sobrancelhas para mim. — E realmente quero saber, cada um deles. Quanto mais sujo, melhor.

Assim que ela disse essas palavras, minha mente voltou para o chuveiro. E o quarto. E cada momento delicioso no meio.

— Você é ridícula, mas eu adoro. — Tentei brincar, mas eu era uma bola de emoções conflitantes por dentro. — Ligou o computador e preparou a máquina de cartão de crédito? — perguntei, mesmo sabendo que ela não tinha feito.

— Não — ela disse.

Cori nunca tocava no equipamento eletrônico, alegando que era amaldiçoada quando se tratava de tudo, exceto seu telefone. Voltei para a máquina e a mudei para a posição ligada, esperando que voltasse lentamente à vida. Nós realmente precisávamos atualizar algumas de nossas máquinas.

— Você está enrolando. Por que você está enrolando? — Ela inclinou os cotovelos no balcão e esperou que eu começasse a falar.

— Eu não sei. — Ergui a cabeça e a encarei, sem saber por onde começar.

A noite passada tinha sido incrível, mas esta manhã foi uma droga. E agora, Saint estava no escritório com meu irmão, e eu ainda não tinha ouvido uma única palavra dele. Acredite, fiquei checando meu telefone como se ele tivesse desligado sozinho ou algo assim.

— Foi ruim? — A forma como sua boca torceu em uma carranca me

fez revirar os olhos. — Meu Deus, ele era ruim na cama?

— Não — garanti, com uma leve risada. — Ele definitivamente não era ruim na cama.

— Obrigada. — Ela olhou para o teto como se estivesse tendo uma conversa com o próprio Deus. — Qual era o tamanho do martelo dele?

Ela segurou as mãos na frente do rosto e as aproximou cada vez mais antes de parar no que seria considerado pequeno para qualquer padrão. Na verdade, pensei em não contar a ela, mas ela era minha melhor amiga, e eu precisava contar a alguém sobre isso.

Meus olhos cresceram para enfatizar o que eu estava prestes a dizer:

— Era surreal. Saint tem um monstro vivendo entre as pernas.

Seu rosto torceu em descrença, como se eu tivesse que estar exagerando.

— Você esteve apaixonada por ele toda a sua vida. É claro que você vai achar grande.

Comecei a balançar a cabeça vigorosamente.

— Eu não estou exagerando… É enorme. Não entendo como ele anda o dia todo com aquela coisa. Aposto que fica no caminho.

— Então, você está me dizendo que ele tem o maior P que você já viu e ele é ótimo na cama?

— Basicamente, sim — eu disse, percebendo que ambas as coisas eram verdadeiras e eu estava feita.

— E suas habilidades de beijo? Diga-me que ele não fica babando ou enfia a língua goela abaixo. — Ela botou sua língua para fora e moveu ao redor como uma louca tentando lamber o ar.

— Ele é um homem adulto. Ele sabe beijar — eu disse, com uma risada. — Acho que as babas e mordidas na língua só aconteceram quando

éramos mais jovens.

Ela fez um som doentio de engasgos misturado com sua respiração ficando presa em sua garganta.

— Você pode achar que sim — ela apontou para mim com um dedo —, mas estaria enganada. Isso pode acontecer em qualquer idade.

— Aprenda algo novo todos os dias.

— Tenho que admitir, Ivy, eu ficaria muito desapontada se tudo isso tivesse sido em vão.

— Ainda pode ter sido — externalizei meu pensamento, antes que pudesse impedi-lo de sair pela boca.

Ela colocou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça para o lado, levando o cabelo violeta consigo. Eu vi como tudo se movia na mesma direção em um movimento fluido, como uma obra de arte.

— O que você quer dizer? Ivy, o que aconteceu?

Comecei a balançar a cabeça.

— A noite passada foi incrível. Quero dizer, eu não poderia ter sonhado com nada melhor. Mas esta manhã, ele estava estranho.

— Estranho como? Como se ele se arrependesse? Como se vocês não devessem ter feito aquilo? — perguntou, com o rosto determinado e os lábios carrancudos. — Um pouco tarde para isso, amigo. Eu vou matá-lo.

Estendi a mão e toquei seu ombro.

— Eu não acho que ele se arrependeu.

— Mas … — ela interrompeu, como sempre faz.

— Mas ele mencionou Davey e alguma promessa que tinha feito ao meu irmão quando eles tinham dezessete anos. Ele parecia preocupado com isso.

— Dezessete! — ela gritou para o salão vazio, e me controlei para não cobrir os ouvidos. — Isso foi há cem anos. Quem se importa mais? E promessa?

Que promessa?

— Meu irmão fez Saint prometer que nunca me tocaria. Nunca. Nem mesmo como adultos. — Quando disse as palavras em voz alta, para alguém além de mim, percebi o quão ridículo soavam.

— Em primeiro lugar — Cori ergueu um único dedo —, isso é ridículo. Segundo — outro dedo —, tudo faz muito mais sentido agora.

— Explique — exigi, com apenas uma palavra.

— Eu sempre soube que Saint era a fim de você, mas nunca entendi por que ele não agia. Por que se esforçava tanto para fingir que não era. E agora, eu entendo.

— A promessa — eu disse, tentando aceitá-la.

— Davey o teria matado naquela época — disse ela, de forma prática. — E eu entendo. Irmãos mais velhos são loucos quando se trata de irmãzinhas. Eles são irracionais e doidos.

— Você pode dizer isso de novo.

Os sons de um carro apitando e portas fechando desviaram minha atenção para fora. Nossas duas clientes chegaram ao mesmo tempo… embora cedo. Eu nem tinha me preparado ainda, mas a culpa foi minha, não delas.

— Ei — Cori enfiou a mão no bolso e tirou as chaves da porta da frente —, Saint é um menino crescido. E se a noite passada foi tão boa quanto você está fazendo parecer, ele não será capaz de ficar longe por muito tempo. E ele vai perder Davey no processo, se for necessário.

Ela parecia tão segura de sua avaliação da minha situação. Eu estava muito mais incerta quando tirei meu telefone do bolso de trás e verifiquei de novo. Nada ainda. Sem mensagens, sem chamadas perdidas e sem notificações nas minhas DMs.

— E não faça isso — acrescentou, apontando para o meu telefone e

caminhando em direção à porta para deixar nossas convidadas entrarem.

— Fazer o quê?

— Dar todo o poder a ele — explicou, e guardei o telefone de volta. — Ao esperar que ele te mande uma mensagem ou ligue para você, isso mentalmente te coloca em uma posição de fraqueza. Você pode mandar uma mensagem para ele primeiro. E não precisa de permissão para fazer isso. Tudo o que essa espera vai fazer é mal a você. E te deixar obcecada.

A porta se abriu, e nossas duas clientes entraram, sacudindo a neve recém-caída de suas jaquetas enquanto todas nós dizíamos “olá” e “bom dia”, ao mesmo tempo.

Cori voltou na minha direção antes de sussurrar um último conselho:

— Sei que é uma droga esperar o cara ligar quando tudo que você quer fazer é falar com ele e ter certeza de que estão na mesma página. Ou pelo menos indo na mesma direção. Deixamos eles darem o primeiro passo porque não queremos sair como carentes ou grudentas. Mas, Ivy, se um cara não pode lidar com um pouco de comunicação depois de uma noite de sexo insanamente quente, então ele não te merece.

— Amém para isso! — uma das mulheres gritou.

Fiquei mortificada por ela ter ouvido, mas eu sabia que não devia me envolver. Felizmente, era a cliente da Cori e não a minha, então eu não seria submetida a cinquenta perguntas durante nossa sessão. Minha cliente estava muito ocupada, mandando mensagens no telefone, para escutar ou mesmo saber do que estávamos falando.

Deve ser bom, pensei comigo mesma, a amargura rasgando através de mim. Eu estava competindo com minha cliente, que provavelmente estava enviando uma mensagem para o filho ou um amigo, pelo amor de Deus!

Se já estava me comportando assim irracionalmente depois de apenas

algumas horas, eu nunca sobreviveria. Então, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Saint antes de me convencer a não fazer isso. Cori estava certa. Eu precisava tomar iniciativa e pelo menos tentar alguma aparência de autocontrole.

Davey te matou, ou ainda está vivo?

Prendi a respiração e esperei. Ele leu quase instantaneamente, mas não havia pontos dançantes ou qualquer indicação de que planejava responder.

E quando quase três horas se passaram sem nem mesmo uma única palavra dele em qualquer plataforma, comecei a pensar que poderia estar me evitando.

Ele estava definitivamente me ignorando. Levava dois segundos para responder a uma mensagem de texto, e eu tinha aprendido que quando um homem te queria, você sabia como ele se sentia.

O que significava se Saint parou de falar comigo?



Perder meu melhor amigo

SAINT

Eu estava lá, me preparando para o golpe que tinha me convencido de que merecia, mas ele nunca chegou. Como eu disse, daria o primeiro soco ao Davey antes de começar a balançar para trás.

— Anda logo com isso — gritei, definitivamente criando uma cena para aqueles que estavam, infelizmente, ainda no escritório.

— Você quer que eu bata em você? — ele questionou em voz alta, com os olhos ardentes.

— Você tem direito a um soco — rosnei em resposta, para ele saber que este não era um jogo que eu estaria deitando e rolando.

— Será que isso vai te impedir de ficar com minha irmã? — Uma risada retorcida rasgou do fundo da minha garganta. — Não.

— Tem certeza disso? — pressionou, provavelmente desenvolvendo a raiva para entregar uma baita porrada.

— Positivo.

— Você pediu por isso. — Davey deu um único passo na minha direção, e flexionei minha mão direita me preparando antes de ele se inclinar de leve e começar a gargalhar.

Meu batimento cardíaco estava errático, e jurei que podia sentir o sangue pulsando em minhas veias logo abaixo da pele. Pisquei algumas vezes rápido para ter certeza de que não estava vendo coisas, mas Davey parecia que poderia tombar e morrer de tanto rir.

— Estou confuso — disse as palavras de forma lenta e metódica. Talvez fosse algum tipo de truque ou armadilha. Se eu baixasse minhas defesas, seria um alvo mais fácil.

Davey olhou para mim, seu corpo ainda dobrado enquanto balançava descontroladamente.

— Você deveria ter visto seu rosto — tentou dizer, mas saiu em sílabas quebradas que consegui entender.

— O que diabos está acontecendo? — Cheguei para trás nos calcanhares e peguei uma cadeira para segurar meu peso.

Quando ele finalmente parou de rir, ficou de pé e soprou algumas vezes, exagerado, seguido por sons de *uuuh* agudos.

— Você terminou? — perguntei, ainda não acreditando que isso não era algum tipo de brincadeira que poderia ricochetear em mim a qualquer momento.

— Ah, cara. — Davey soltou o ar. — Seu rosto. Merda. Você ia mesmo me bater, não ia?

— Talvez eu ainda bata — afirmei, e ele começou a rir novamente. Se ele não parasse, ficaríamos aqui o dia todo assim.

Jogou as duas mãos no ar.

— Ok, ok. Acabei… Eu acho.

Logo quando ele finalmente se acalmou, sua noiva, Samantha, entrou no escritório, com o cabelo castanho em um coque que combinava com o tipo que Davey ostentava. Como eu nunca tinha notado isso antes? Eles tinham

penteados iguais. Eu me perguntava se Ivy tinha feito isso apenas para mexer com eles, e me impedi de pegar o telefone e enviar-lhe uma mensagem para perguntar.

— Eu perdi? Droga, eu perdi, não é? — Samantha questionou, se sentando em um dos assentos no escritório de Davey, claramente sem fôlego, e atirei um olhar para ela, que ela respondeu: — O quê? Eu corri até aqui. Odeio correr.

Continuei a olhar para ela com uma expressão confusa.

— Por que você correu até aqui? — indaguei, imaginando o que ela sabia que eu obviamente não sabia que era tão importante e ela tinha escolhido correr até aqui para não perder.

Davey caminhou até sua noiva e se abaixou para dar-lhe um beijo doce na boca antes de ir em direção à sua própria cadeira e sentar-se nela.

— Querida, você só perdeu a parte em que ele pensou que eu ia bater nele e que estava se preparando para me bater de volta — disse, com uma leve risada.

— Eu ainda não entendo por que isso é tão engraçado — reclamei, meu telefone vibrando no meu bolso.

Eu o puxei, vi uma mensagem da Ivy, li e considerei responder, mas logo guardei o celular. Eu a informaria sobre tudo mais tarde.

— Porque, idiota, não vou bater em você por gostar da minha irmã — explicou, como se fosse de conhecimento comum e qualquer um com meio cérebro pudesse ter descoberto essa parte.

— Você está brincando, certo?

— Por que eu estaria brincando? — Davey parecia tão convencido de sua sanidade, como se eu fosse o louco por pensar que ele ficaria bravo comigo. Senti como se estivesse em algum tipo de universo alternativo, onde tudo estava

atrasado e nada fazia sentido.

— Porque você traz à tona aquela promessa estúpida que eu fiz o tempo todo! — Joguei minha mão no ar e comecei a andar.

— Só fiz isso porque estava tentando fazer você finalmente jogar limpo. Pensei que se continuasse trazendo isso à tona, você eventualmente me diria para me ferrar.

Parei de me mexer.

— Do que você está falando?

Samantha limpou a garganta, forçando nossa atenção em direção a ela.

— Sabemos que você gosta dela, Saint.

— Claro que gosto dela — disse, soltando o ar.

— Você deixou isso dolorosamente óbvio quando tentou sabotar nosso negócio antes mesmo de começar a crescer — argumentou Davey, com um sorriso arrogante, e senti meus ombros tensos.

Eu não queria nos causar nenhum problema, mas tinha feito exatamente isso.

Ivy começou a namorar esse cara, Ian, e por alguma razão, pensei que ela pudesse estar ficando sério com ele. O tipo de sério que pode incluir um anel e crianças em algum momento. Meu cérebro entrava em curto-circuito sempre que pensava nela com alguém que não fosse eu.

Então, criei um perfil falso para Ian em nosso aplicativo, mesmo que ele não estivesse financeiramente qualificado para estar nele, e me certifiquei que desse com pelo menos vinte mulheres. Eu sabia o número de telefone dele, então o inscrevi para mensagens de texto, já que o aplicativo não estava em seu telefone, mas no segundo em que as mensagens começaram a ser entregues, ele levou menos de dez minutos para baixá-lo e começar a conversar com suas parceiras.

— Isso foi uma vez. E eu sabia que poderíamos dizer que havia uma falha no sistema — argumentei em resposta, mas sabia que tinha feito merda.

— Engraçado como a falha só aconteceu com o namorado da minha irmã — disse Davey, antes de girar na cadeira como uma criança.

— Você sempre soube que era eu? — perguntei, porque ele nunca tinha dito isso antes. E, até este momento, sempre neguei ter algo a ver com isso. Até os engenheiros da nossa equipe garantiram que não tinham certeza de como tinha acontecido.

— Todos sabiam que era você — disse Samantha, antes de acrescentar: — Exceto a única pessoa que deveria saber.

Inclinei a cabeça para o lado e estalei os lábios fechados.

— Ivy. Ela nunca suspeitou de você, sabia? Pensou que fosse Davey o tempo todo.

Ela estava convencida de que ele estava tentando sabotar seu relacionamento.

— E eu a deixei acreditar — disse, com um aceno.

— Por que você faria isso? — Finalmente puxei uma das outras cadeiras e me sentei nela.

— Porque você obviamente não estava pronto.

— Pronto para quê? — insisti, em voz alta, me sentindo meio estúpido.

— Para admitir que tinha sentimentos por ela. Para fazer o que fosse preciso para estar com ela — respondeu Samantha, em vez de Davey.

Percebi que os dois devem ter tido várias conversas sobre esse assunto antes. Ela deu um olhar na direção de Davey, que interpretou do jeito que os casais pareciam ser capazes de fazerem depois de ficarem juntos por um tempo. Eles falavam sem palavras.

— Você ia deixar Davey bater em você? — Samantha me perguntou.

Acenei com a cabeça, mas esclareci minhas intenções:

— Uma vez. Eu ia deixá-lo me bater uma vez.

— E então o que você ia fazer? — Ela estava sorrindo, e tenho a nítida impressão de que estava gostando disso.

— Eu ia começar a revidar.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você ia bater em Davey, seu melhor amigo, seu irmão, de volta?

Ficar sentado para esta discussão estava me deixando ansioso, então me empurrei para fora da cadeira, levantei e comecei a andar pela sala novamente.

— Porque o primeiro soco teria sido uma cortesia. Eu tinha quebrado a promessa que fiz a ele. Ele merecia me bater por isso. — Conforme eu dizia as palavras em voz alta, elas faziam todo sentido para mim. Elas eram lógicas, e o olhar no rosto de Davey me dizia que ele concordava.

— Mas depois do soco de cortesia, então o quê?

Se ela estava tentando me jogar uma isca, eu não tinha certeza do motivo ou com que propósito. Davey estava chateado comigo ou não? Com certeza não parecia que estava.

Samantha continuou falando:

— Deixou de ser sobre você quebrar uma promessa que fez a Davey e passou a ser sobre o que em vez disso?

— Sempre foi sobre Ivy. É nisso que você está tentando chegar? — Eu estava ficando agitado, e seus jogos de palavras estavam fazendo minha cabeça doer.

— O que sobre ela?

— Estou apaixonado por ela, certo? É isso que você quer ouvir, porra? — Olhei para longe da Samantha e me concentrei no Davey quando confessei a próxima parte. — Estou apaixonado por sua irmã, e estou apaixonado desde os dezessete anos. Provavelmente mesmo antes disso.

Samantha bateu palmas como se tivesse ganhado o grande prêmio em um game show.

Davey soltou um:

— AHÁ! Eu sabia! Na noite em que ela foi naquele encontro com Jordan Ramsey, eu pensei que você poderia rasgar a cabeça dele antes que saíssem pela porta.

— Eu pensei nisso — eu disse, sentindo-me tão irracional agora como me senti naquela época. — Foi quando você me fez prometer nunca tocar em sua irmã. *Nunca* — enfatizei a última palavra, e ele me deu um aceno de reconhecimento.

— Eu sei. Falei sério naquele momento. É algo que não se faz. Nós éramos irmãos, e eu não podia permitir que você fodesse tudo brincando com minha irmã. Ela era obcecada por você desde os dez anos.

— Então, você não está mais falando sério? — Eu absolutamente precisava que Davey soletrasse cada palavra para mim. Não ia me impedir de ficar com a Ivy, mas a aprovação dele tornaria a minha vida muito mais agradável.

— Não — garantiu, como se a ideia de nós dois juntos nem sequer o incomodasse. — Mas nem pense em me dizer nada nojento. Se você mencionar as coisas que faz com a minha irmã, mesmo de passagem, vou bater em você.

Era a minha vez de rir. Finalmente. Eu nunca daria um pio sobre a deusa que ele tinha como irmã ou todas as coisas imundas que eu planejava fazer

com seu corpo.

— Concordo. Seus pais vão ficar bem com isso, certo?

Eu não estava honestamente preocupado com o Sr. e a Sra. Simpson, mas ainda parecia certo pelo menos perguntar.

— Meus pais provavelmente vão dar a vocês dois uma festa. Esta é a união dos sonhos deles. Acho que eles te amaram por tanto tempo quanto Ivy.

Eles com certeza sempre me deram essa impressão.

— É melhor eu ir falar com eles.

Eu queria a bênção verbal deles também. E como o Natal estava a poucos dias de distância, parecia que a coisa certa a fazer era dar-lhes um aviso em vez de emboscá-los durante o jantar.

Davey pegou suas chaves da gaveta de cima da mesa e as colocou em um suporte.

— Nós vamos ver isso.

Eu sabia que não adiantava tentar convencê-los a não testemunhar o que eu estava prestes a fazer, então nem tentei. Enquanto nós três saíamos do escritório e entrávamos no estacionamento, deixei sair um sopro de alívio, o ar girando em torno da minha boca.

Hoje poderia ter ido em uma direção completamente diferente. Eu tinha encenado tudo na minha cabeça cem vezes, e nunca tinha terminado assim. Eu ainda tinha meu melhor amigo, e estava prestes a ter a garota dos meus sonhos também.

Feliz Natal para mim.



Meu desejo de Natal

VY

— Nada ainda? — Cori perguntou, quando começávamos nossos procedimentos para fechar o salão.

Desliguei o computador e imprimi o extrato do cartão de crédito do dia antes de caminhar até a sala dos fundos para lavar algumas bandejas e ter certeza de que todas as tampas estavam fechadas e onde deveriam estar.

— Não — respondi, tentando não transmitir nenhuma emoção, mesmo estando sentindo um milhão de coisas. Nenhuma delas era boa.

— Não faz sentido. Saint não pode simplesmente dar um gelo em você, sabe? Ele não é um cara qualquer que você conheceu em um bar ou no supermercado. Tem muita história envolvida.

Eu sabia que ela só estava tentando me fazer sentir melhor, mas até que eu realmente tivesse notícias de Saint, nada iria me animar.

— Talvez ele tenha conseguido o que queria. E se eu fosse apenas um desafio e ele não tenha percebido até que fosse tarde demais? — perguntei, porque o pensamento terrível passou pela minha cabeça.

Alguns caras viviam para as garotas que não podiam ter, mas outros nem sempre sabiam quando a resistência era a única coisa que os movia para a

frente. Eu poderia imaginar que, se Saint se sentisse assim, estaria tendo problemas em como me dizer. Ele não iria querer me machucar, mas também não podia mentir sobre isso. Estaria bem dividido.

— Não acho que é isso, Ivy. De verdade. Eu ficaria surpresa.

— Quero acreditar em você — admiti, antes que ela interrompesse meus pensamentos.

— Mas não acredita.

Minha cabeça balançou em sua direção, negando.

— Não tenho certeza do que pensar, para ser sincera.

Terminamos a limpeza, e eu me adiantei com a preparação para minha cliente da manhã. Quanto mais tempo eu tivesse para dormir, melhor. Montei minha estação com tudo o que precisava e tirei minha bolsa da gaveta onde estava guardada.

— Você trabalha amanhã? — Eu não tinha certeza dos compromissos dela, já que tínhamos horários diferentes e lidávamos com nossos próprios agendamentos.

— De nove até quatro. Quer tomar uma bebida ou algo assim? — Mesmo sabendo que eu não estava no clima, ela ainda me deu a opção de evitar ir para casa, se fosse isso que eu precisava.

— Eu seria uma companhia de merda.

— Você é sempre uma companhia de merda — brincou, e isso me fez rir. Parecia a primeira vez que eu sorria no dia.

— Não. Estou muito cansada.

— Especialmente depois de todos os seus extracurriculares com o Pau Monstruoso ontem à noite.

Ela não estava errada. Saint me manteve acordada muito além da minha hora de dormir. E mesmo que meu coração estivesse doendo por isso

hoje, eu ainda não apagaria ontem à noite.

— Por favor, não o chame assim. — Estremeci e me agarrei entre coxas. Eu ainda estava dolorida, e cada vez que ia ao banheiro me lembrava desse fato.

— Eu não vou. Pelo menos, não na cara dele.

Nós duas saímos do salão e para o ar frio da noite. Tranquei a porta atrás de nós, e nos certificamos de que cada uma entrasse em nossos carros em segurança antes de parar na estrada principal, juntas. Era algo que fazíamos para que nenhuma de nós estivesse sozinha quando partíamos. Também checávamos o banco de trás para conferir a presença de assassinos antes de irmos embora. Se você não for mulher, provavelmente não entenderá.



Uma vez que eu estava de volta ao meu apartamento, as memórias me atingiram com a força de uma enchente. A boca de Saint na minha. A língua dele dentro de mim. Suas mãos apertando, agarrando, e me puxando. Balançando a cabeça para fazê-las ir embora, entrei no meu quarto, abri a gaveta da cabeceira e tirei um pedaço de papel dobrado.

Todos os anos, desde os oito anos de idade, eu fazia uma lista de Natal separada e privada para o Papai Noel. Não era como a que eu dava aos meus pais, pedindo um cavalo e Hot Wheels ou cartões de presente. Essa lista ficava pendurada na geladeira ao lado da de Davey e, eventualmente, da de Saint, até a manhã de Natal.

Esta outra lista só tinha uma coisa nela. E, a cada ano, era exatamente a mesma coisa.

1) Por favor, faça Saint LaCroix me amar também.

Era só isso.

Eu ainda tinha a que escrevi no segundo ano do ensino médio. Guardava debaixo do travesseiro todas as noites durante o mês de dezembro. Tornou-se uma espécie de tradição pessoal. Eu tinha lido em algum lugar que colocar desejos sob sua cabeça à noite enquanto você dormia ajudava a torná-los realidade. Decidi aceitar toda a ajuda que pudesse quando se tratava de Saint, então eu fazia isso. Por vinte e cinco noites, todo mês de dezembro, por anos.

Ontem à noite, quando Saint esteve aqui, peguei o velho bilhete antes que ele pudesse encontrá-lo e enfiei na gaveta de cabeceira. Eu ficaria mortificada se ele tivesse visto. Uma coisa era saber que eu tinha uma queda por ele, mas ver isso escrito em um bilhete com o qual eu dormia à noite? Isso parecia um pouco mais do que só embaraçoso.

Pensei em enviar outra mensagem para Saint, mas ter uma ignorada provou ser mais do que suficiente para eu lidar. Estava sentada na minha cama, segurando o bilhete na mão, meio tentada a rasgá-lo ao meio e nunca mais olhar para ele novamente. Se Saint não me amava até agora, nunca amaria. Em algum momento, eu precisava aceitar minha realidade e seguir em frente.

Uma batida forte na minha porta da frente me fez pular, e rapidamente empurrei o bilhete ainda intacto debaixo do travesseiro.

— Ivy? — A voz de Saint reverberou quando ele foi entrando.

Eu não tranquei minha porta da frente?

— O que você está fazendo aqui? — experimentei perguntar, dando a volta no meu quarto para encontrá-lo parado na entrada.

Eu não tinha certeza do que isso significava — ele aparecer sem avisar, depois que eu não tinha ouvido um pio dele. Meu coração correu e saltou,

e minha mente começou a girar em cenários que eu desejava tanto que fossem verdadeiros.

— Sinto muito — pediu, antes de me pegar em seus braços e me apertar.

Ele estava se desculpando. Por ontem à noite. Ele se arrependeu — ou algo igualmente horripilante. Meus braços caíram de sua posição em torno de suas costas, pousando nas laterais do meu corpo, conforme eu parava de abraçá-lo.

No segundo que fiz isso, ele estendeu a mão para o meu queixo e inclinou-o para cima, em direção à sua boca.

— Você entendeu errado, amor. Desculpe por não ter respondido sua mensagem. Eu estava fazendo alguns trabalhos domésticos — explicou, com uma piscadela, antes de seus lábios estarem nos meus, beijando-me como se não pudesse esperar mais um segundo.

Eu queria beijá-lo de volta, perder toda a minha determinação e ceder, mas eu parei. Quebrando o beijo, neguei com a cabeça e recuei para dar espaço entre meu corpo e o dele.

— Se importaria de explicar do que você está falando? — Meu tom saiu mais duro do que pretendia, mas eu não estava arrependida por isso.

Sua declaração sobre trabalhos domésticos me confundiu. O que isso significava?

Ele estendeu a mão para mim — um gesto simples que eu queria resistir, mas permiti. Seus dedos se moviam pela minha pele, mas eu nem estava segurando-o do jeito que ele me segurava. Foi uma resposta silenciosa para uma pergunta não feita.

— Falei com Davey — ele finalmente disse.

Puxei a mão da sua sem aviso. Eu não pretendia fazer isso, mas foi um

impulso ao seu comentário.

— É onde você esteve o dia todo? O que aconteceu?

— Vamos sentar. Podemos sentar?

Ele não esperou que eu respondesse antes de começar a andar na direção da minha sala de estar. Eu o segui, porque era o óbvio a se fazer.

Nós dois sentamos no meu sofá favorito, não em nenhum dos lados, mas tão perto que nossos joelhos se apertaram e nossos corpos estavam frente a frente. Ele me contou o que aconteceu no escritório com Davey e, eventualmente, Samantha também. Dizer que fiquei chocada seria um eufemismo. Não porque Davey não estava zangado com ele, mas porque todas essas pessoas pareciam estar envolvidas e dedicadas no estabelecimento da minha relação com Saint.

— Samantha sabia que eu gostava de você. Quer dizer, eu tinha dito a ela um monte de vezes antes. Mesmo quando tinha outros namorados — admiti, e isso o fez sorrir, mesmo que me fizesse sentir um pouco idiota.

Eu não deveria estar namorando ninguém enquanto tinha sentimentos por outra pessoa. Mas, novamente, eu nunca pude imaginar não ter sentimentos por Saint, então, por essa lógica, eu nunca teria saído com ninguém, e teria me tornado uma velha solteirona com quinze gatos.

— Falando de outros namorados — disse ele, lentamente, e se encolheu de leve.

— O que têm eles? — Eu não tinha ideia do que ele estava tentando sugerir.

— Lembra-se do Ian?

— O idiota que estava no seu aplicativo e me deixou por uma velha rica com quem ele estava trocando mensagens há semanas? Sim, eu me lembro — respondi, com uma carranca.

Mesmo que Ian tivesse negado veementemente a criação do perfil inicial, ele ainda conheceu algumas das mulheres com quem tinha dado match pelas minhas costas, eventualmente terminando comigo por uma delas, que alegou não se importar que ele não fosse rico o suficiente para estar no aplicativo em primeiro lugar. Ela queria a atenção de um homem, e ele estava mais do que disposto a dar.

— Fui eu que fiz o perfil dele.

— O quê? — perguntei, com uma meia risada. — Era você? Sempre pensei que tinha sido Davey.

— Eu sei. Ele me disse isso hoje. — Saint colocou a mão em cima da minha coxa e apertou, antes de mantê-la lá. Gostei da sensação.

— Por que você fez isso? — perguntei, imaginando como eu nunca coloquei essas peças específicas juntas, mas, novamente, nunca pensei que Saint gostasse de mim como mais do que uma amiga, então eu nunca nem imaginei que fosse coisa dele.

— Porque ele estava durando muito tempo. Você não ia terminar com ele.

Eu ri muito antes de me acalmar.

— Sim, eu ia. Quero dizer, eventualmente. Eu sempre terminava.

— Ninguém nunca tinha ficado por tanto tempo antes. Eu precisava fazê-lo ir embora antes que ele te pedisse em casamento ou algo assim.

Colocando minha mão em cima da dele, entrelacei nossos dedos e tentei esconder meu sorriso. Fiquei tão satisfeita em saber que ele era tão louco por mim quanto eu por ele.

— Sabe, alguns podem classificar esse comportamento como obsessivo ou insalubre, Saint.

— Eu chamo de interferência criativa — rebateu, com um sorriso,

imitando minha resposta de ontem à noite.

Inclinei-me para ele, e nossos lábios se encontraram. Se fosse mais alguém no mundo, eu teria pensado que ele era louco e me afastaria. Mas era de Saint LaCroix que estávamos falando, o cara que me amava quase tanto quanto eu o amava, mas, ao contrário de mim, ele tinha que esconder seus sentimentos e fingir que não os tinha. Não pude culpá-lo por ser criativo.

— Mais uma coisa — disse, levantando um dedo, e eu lhe dei um olhar que dizia para ele continuar. — Falei com seus pais mais cedo. Isso que me fez demorar tanto tempo para chegar aqui.

De todas as coisas que Saint poderia ter me dito, eu nem tinha pensado nessa. Meus pais o amavam, então eu não podia imaginá-los tendo qualquer problema com a gente sendo um casal. Mas e se eu estivesse errada?

— O que eles disseram? — De repente, fiquei curiosa quanto à reação ou resposta deles.

Um sorriso gigante iluminou todo o seu rosto, e ambas as covinhas apareceram em suas bochechas.

— Que estava mais que na hora e que é melhor eu não estragar tudo ou me arrependeria.

Isso pareceu certo… *nas duas perspectivas.*

E tive que admitir que concordei com eles, mesmo que não estivesse nem remotamente preocupada. Não tinha nenhuma chance de que Saint ou eu estragássemos tudo depois de demorar tanto para chegar a este ponto. Eu pensava que, quando você finalmente descobrisse onde pertencia e com quem, você lutaria como o inferno para se manter naquilo.

Então, lembrei-me do fato de que ele me ignorou o dia todo e não respondeu minha mensagem, e por alguma razão, estabelecer esses limites parecia importante neste momento.

— Você poderia ter me respondido, sabe? Essa foi uma atitude meio babaca.

Ele soltou o ar.

— Recebi sua mensagem bem no meio da minha conversa com Davey, e queria responder depois, mas todos nós fomos até a casa de seus pais.

— Por que Davey e Sam foram com você?

Ele negou com a cabeça e riu.

— Eles insistiram. Disseram que não perderiam essa conversa por nada. Seus pais praticamente estouraram champanhe. Samantha disse que ficaria ofendida se não estivesse tão feliz por nós.

Comecei a imaginar os três invadindo a casa da minha mãe e do meu pai, exigindo vê-los e contando-lhes as notícias. Balancei a cabeça e me concentrei no meu ponto original.

— Ainda assim, você poderia ter me enviado uma mensagem. Você me deixou esperando o dia todo, e minha mente passou por um milhão de cenários. Nenhum deles era bom, Saint. Você não pode fazer isso comigo.

— Eu sei. — Ele passou o braço em volta da minha lombar. — Sinto muito. Não vai acontecer de novo.

— Leva dois segundos para me responder — reclamei, ainda forçando o assunto, porque não ter notícias dele tinha arruinado meu dia inteiro.

— Você está certa. Deixe-me recompensar você — afirmou, antes de sair do sofá e cair de joelhos.

Parecia que este homem sempre esteve com eles dobrados por mim. E eu não gostaria que fosse de qualquer outra forma.

Se ele quer reverenciar no meu altar, quem sou eu para impedi-lo? Pensei comigo, jogando a cabeça para trás e gemendo.

Seria uma longa noite, e eu saborearia cada segundo, sabendo muito

bem que aconteceria de novo, porque este homem era finalmente meu. Pensei na lista de Natal particular escondida debaixo do travesseiro e sorri para mim mesma. Mal podia esperar para contar ao Saint.

Depois que ele terminasse de se desculpar, é claro.



Epílogo - Ceia de Natal

IVY

Um ano depois…

Nós sete, incluindo o pai de Saint, sentamos em torno da mesa de jantar dos meus pais, que estava arrumada à perfeição para a ceia de Natal com a mesa posta de temática natalina, como fazíamos todos os anos nesta época. Costumava ser só nós seis. Samantha era a mais nova adição, mas até ela tinha feito uma aparição por dois anos agora. Ela e meu irmão se casaram há três meses, e eu estava tão animada por ter uma irmã! Ela tinha três, mas todas viviam fora da cidade, e nenhum delas era tão fabulosa quanto eu. Palavras dela, não minhas.

Acho que ela só gostava das minhas habilidades com o cabelo. Eu era útil.

Esperava que, um dia, pudéssemos fazer este jantar em família com oito adultos, mas isso significaria que o pai de Saint teria que encontrar uma namorada de verdade que ficasse por mais de dois meses. Mas tínhamos pouca esperança nisso, não importava o quanto pressionássemos. Saint até ameaçou colocá-lo no aplicativo, e ele ameaçou renegá-lo se fizesse isso.

Falando no aplicativo, houve um processo com um cara super-rico que

parecia se arrastar para sempre. Aparentemente, o homem era implacável quando se tratava de empresas desenvolvendo coisas que ele considerava muito semelhantes às suas. Depois de meses trabalhando em todos os ângulos que ele poderia pensar, o caso foi finalmente arquivado. Ele não tinha nada contra Saint e meu irmão, e foi forçado a sair de mãos vazias. Nenhum de nós percebeu o quanto isso pesava sobre nosso subconsciente até que finalmente acabou. O alívio era palpável.

Sam ficava colocando a mão em sua barriga inexistente, mas toda vez que tocava nela, todos nós fazíamos *"oown"* e *"aaah"* como se ela fosse um ser mágico que estava fazendo algo que ninguém nunca tinha feito antes.

— Parem — ela reclamou, balançando a cabeça e movendo a mão como se nos espantasse.

— Estamos apenas animados — disse meu pai, com um sorriso.

Mesmo que ele tivesse afirmado que tudo o que queria era um neto saudável, todos sabíamos que secretamente esperava que fosse menino. Ele não podia evitar.

— E você está carregando o primeiro neto aí dentro — disse minha mãe, enxugando os olhos, mesmo que não houvesse lágrimas caindo.

— Nossa, mãe. Você não pode chorar toda vez que fala sobre o bebê — reclamei. — Além disso, ela vai ser minha melhor amiga, então você pode simplesmente se afastar.

— Pensei que eu era seu melhor amigo — Saint interrompeu, e me inclinei para pressionar um beijo na boca dele.

— Você é, querido. Mas ela vai ser minha nova melhor amiga menina.

— Pensei que eu fosse sua melhor amiga menina. A voz de Cori soou de algum lugar da casa e, sem aviso, ela de repente estava no cômodo.

— O que você está fazendo aqui?

— Reivindicando meu lugar de direito como melhor amiga, obviamente — afirmou, com ousadia, seu cabelo uma cor pêssego agora, o que, é claro, a deixava lisonjeada.

Eu ainda estava confusa sobre porque Cori estava aqui em casa durante o jantar quando ouvi Sam arfar. Atirei um olhar para ela e percebi que ela não estava olhando para mim, mas para algo no chão. Pensando que poderia haver uma aranha gigante ou algum tipo de inseto, rapidamente me virei na direção que ela estava olhando, apenas para ver Saint em um joelho, segurando uma caixa de veludo preto em sua mão.

ELE. ESTAVA. AJOELHADO.

E não que ele estivesse se desculpando, se entende o que quero dizer.

Ele abriu a caixa lentamente, revelando um enorme diamante em forma de pera dentro, e meus olhos sentiram como se pudessem sair de suas órbitas de tanto que tinham crescido.

— Ivy Simpson — disse Saint, e concentrei toda a minha atenção nele, seus olhos azuis brilhando, aquelas duas covinhas me atormentando com sua perfeição total. Ele limpou a garganta e começou de novo. — Ivy Simpson, estou apaixonado por você desde os meus dezessete anos. Um idiota me fez prometer nunca tocar em você, então dei o meu melhor para ficar longe. Mas não se pode manter um homem longe de seu destino, sua outra metade, sua alma gêmea. E isso é o que você é para mim. O que você sempre será. Diabos, eu queria fazer isso um dia depois que nos tornamos um casal oficialmente. Saí e comprei esse anel dois dias depois. Eu sabia o que queria naquela primeira noite. O que eu sempre vou querer todas as noites a partir de agora até morrer. Você. Só você. Nunca houve e nunca haverá outra mulher neste planeta para mim. Por favor, diga que vai se casar comigo. Diga sim hoje e todos os dias depois.

Saint tinha se transformado em uma bolha embaçada, e eu mal podia

vê-lo através de todas as minhas lágrimas.

— Sim. Claro que sim. Sempre sim.

Eu ainda não podia vê-lo claramente, enquanto o sentia empurrar o anel para o meu dedo, parando ligeiramente no nó antes de forçá-lo mais. Era um ajuste perfeito. Eu deveria saber. Tudo o que Saint fazia parecia ser. Pelo menos quando se tratava de nós.

A sua boca estava na minha, a língua me invadindo, e ouvi meu irmão fazer um som de engasgo, mas não poderia me importar menos. Ele tinha uma cabeça; poderia virá-la e não assistir.

Quando quebramos o beijo, Saint enxugou as lágrimas dos meus olhos e bochechas.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Você vai ser minha esposa.

— Eu sei!

— Parabéns, amiga — disse Cori, e me virei para abraçá-la.

— É por isso que você está aqui?

— Claro. Saint nunca te pediria em casamento na frente de todos e me deixaria de fora. Quero dizer, ele poderia fazer isso, mas teria pagado por sua insolência — explicou, com um gesto de dedo, e não pude deixar de rir. — Deixe-me ver essa coisa.

Quando enfiei a mão esquerda na cara dela, ela pegou e soltou um assobio.

— Aparentemente, seu homem sabe como você gosta das coisas. GRANDE e TAMANHO MONSTRUOSO! — ela gritou, e entendi seu duplo sentido antes de falhar em fazê-la ficar quieta.

Saint nunca me perdoaria se soubesse que contei a Cori sobre seu

pênis monstro.

— Vocês todos sabiam? — Olhei em volta para todos que considerava família e os vi acenarem com a cabeça em uníssono.

Eles sabiam que isso aconteceria hoje. Todos já tinham visto o anel. Saint tinha planejado tudo.

— Eu não ia te pedir até a sobremesa, mas a amargura de Cori em perder o status de melhor amiga aumentou um pouco a pressão — Saint comentou, alto o suficiente para Cori ouvir, mas ela só ofereceu um encolher de ombros.

— Eu não pude evitar. — Ela parecia tão sincera que todos a consolaram, dizendo-lhe que nenhum bebezinho poderia substitui-la.

— Eu não me importo — gritei, antes de erguer minha mão esquerda em direção ao teto —, vou me casar!

O cômodo explodiu em aplausos, enquanto minha mãe começava a encher taças de champanhe para todos, exceto Sam, que fez uma cara de que estava sendo injustiçada.

— Tenho certeza de que um gole não machucaria o bebê. As pessoas costumavam beber e fumar enquanto estavam grávidas, e seus filhos ficavam bem — disse Samantha.

— Não sei se isso é verdade — argumentei, e ela atirou em mim um olhar de morte, então fechei a boca. Mulheres grávidas eram assustadoras às vezes.

— A Saint e Ivy. — Meu pai começou a fazer um brinde, segurando a taça no ar, e todos nós seguimos o exemplo. — Por finalmente se resolverem e fazerem a única coisa que todos sabíamos que fariam eventualmente. Obrigado por nos tirarem da nossa miséria.

— Amém a isso! — o pai de Saint concordou, e minha boca caiu

aberta antes de eu começar a tomar um gole do meu copo.

— Agora, dê-nos todos os bebês — minha mãe gritou, e todos olharam para ela e caíram na risada.

Quase cuspi minha bebida.

— Hora de tirar o champanhe da mamãe — disse Davey, atravessando a mesa para fazer isso, mas ela virou tudo em um gole.

— Devagar demais — zombou, e Davey me deu um olhar que dizia que mamãe daria trabalho mais tarde.

Não é problema nosso, eu sussurrei e apontei em direção ao papai. Ele me deu joinha.

— Você gostou do anel? — O hálito quente de Saint estava no meu ouvido, suas palavras mandando um arrepio na minha espinha.

— É deslumbrante, mas você poderia ter me dado um anel que vem em um pirulito, e eu ainda teria dito sim.

Virei-me para encará-lo, seus braços envolvendo meu tronco, e ele me puxou contra seu corpo firme.

— Agora que você diz — brincou. — A propósito, eu preciso levá-la para casa e dar um jeito em você.

— Nós nem jantamos ainda. — Fiz beicinho, porque eu estava realmente morrendo de fome. Esperei o dia todo para comer essa refeição. Diabos, eu ansiei por isso o ano todo.

— Assim que comermos, saímos — ele exigiu, e toquei seu nariz com a ponta do dedo antes de pressionar um beijo lá.

— Tudo bem — concordei, antes de começar a imaginar todas as maneiras pelas quais Saint poderia me mostrar o quanto me amava e me apreciava.

Estávamos noivos e, por alguma razão, eu me sentia diferente, mesmo

que nada tivesse mudado tecnicamente. Eu só sentia… *mais*. Mais amor por Saint. Mais emocionada em relação a ele. Mais segura. Mais confiante.

— Certifique-se de trazer um pouco de sobremesa para casa. Eu tenho planos para esse chantili — ele me informou, balançando as sobrancelhas antes de lançar um olhar em minhas partes íntimas.

O homem era um deus absoluto no quarto. Ele não parava de me ensinar coisas desde que começamos a fazer sexo. Eu não sabia que poderia ser divertido, confortável, e tão conectado à alma, tudo de uma vez. Sentia que ainda tinha muito a aprender. Mas eu não era nada senão uma estudante disposta.

Pensava que o último Natal tivesse sido o mais feliz que já tive. A época em que Saint admitiu seus sentimentos por mim e finalmente nos tornamos o casal que sempre desejei.

Mas este Natal tinha superado o último. Tudo por causa de uma pergunta e do anel no meu dedo.

Eu me perguntava o que ele faria no próximo Natal.

FIM.



Muito obrigada por ler. Espero que tenham gostado da história de Saint e Ivy. Foi muito divertida de contar, e amei escrever. Espero que tenha sido divertido ler!



Adorou minha história de Natal? Bem, adivinha?! TEM MAIS CHEGANDO! Você terá diversas novas leituras, a partir de 2023. São todas temáticas e sazonais chegando para você. Dá para dizer que estou animada? HAHA



Sobre a Autora

Jenn Sterling é uma nativa do sul da Califórnia que adora escrever histórias do coração. Cada história que ela conta tem pedaços de sua verdade nela, bem como sua experiência de vida. Ela é bacharel em rádio/TV/cinema e trabalhou na indústria do entretenimento a maior parte da vida.

Jenn adora ouvir de seus leitores e pode ser encontrada on-line em:

Blog & Site:

https://www.j-sterling.com/p/home.html

Twitter:

www.twitter.com/AuthorJSterling

Facebook:

www.facebook.com/AuthorJSterling

Instagram & TikTok:

@ AuthorJSterling

Se você gostou deste livro, por favor, considere escrever uma resenha sem spoiler no site de onde o comprou. E muito obrigada por me ajudar a espalhar a notícia sobre meus livros e por me permitir continuar contando as

histórias que amo contar. Eu sou muito grata a vocês. :)



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com

Facebook.com/thegiftboxbr

Instagram: @thegiftboxbr

Twitter: @GiftBoxEditora

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9